

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
ENSINO E PERCURSOS POÉTICOS



MONOGRAFIA

A Arte na Pedagogia nos anos iniciais
Um Levantamento na Rede Estadual de Pelotas-RS

ANGELA MARIA FERREIRA GARCIA

PELOTAS, 2013

ANGELA MARIA FERREIRA GARCIA

A Arte na Pedagogia nos anos iniciais
Um Levantamento na Rede Estadual de Pelotas-RS

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Especialização em Artes Visuais, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais- Ensino e Percursos Poéticos

Orientador: (a) Profa. Dra. MIRELA RIBEIRO MEIRA

PELOTAS, 2013

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mirela Meira- PPGAV/Mestrado/FaE/UFPel (Orientadora)

Profa . Dra. Maristani Zamperetti/ CA/UFPel

Profa. Dra. Denise Dal Piaz/ FaE/ UFPel

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que manteve minha fé, esperança e perseverança em momentos de dificuldades e desafios. Obrigada a minha Profa. Orientadora Dra. Mirela Ribeiro Meira, pela dedicação, paciência, e, acima de tudo, por ter acreditado no meu potencial de trabalho. Aos meus familiares, especialmente ao meu esposo Paulo Renato Ferreira e as minhas filhas, Samantha Ferreira e Cheila Garcia Ferreira, pelo apoio e incentivo. Obrigada às professoras Pedagogas as quais entrevistei por se disponibilizarem a participar de minha pesquisa. Igualmente, agradeço aos professores da Pós-graduação, Carlos Alberto dos Santos, Lauer dos Santos, Maristani Zamperetti, Neiva Bohns, Carmem Diniz, Ursula Rosa da Silva, Pablo Lisboa e Larissa Patron Chaves, pelo carinho e generosidade com que me acolheram.

Resumo

GARCIA, Angela G. **A Situação da Arte Junto a Pedagogos nos Anos Iniciais: Um Levantamento Junto à Rede Pública Estadual de Pelotas/RS.** 2013. 78f. Monografia (Especialização em Artes Visuais-Ensino e Percursos Poéticos) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este estudo discorre sobre um levantamento diagnóstico realizado junto a pedagogos que trabalham com Artes na escolarização básica, em dez Escolas Públicas Estaduais do município de Pelotas, RS. O estudo teve por objetivo investigar que aspectos intervêm nos processos pedagógicos destas escolas, problematizando a presença e a suficiência das Artes e da Educação Estética na formação inicial do professor pedagogo, tomando como exemplo este processo no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. A pesquisa diagnóstica teve sua metodologia apoiada na aplicação de instrumentos de pesquisa do tipo questionário e entrevistas que investigam a formação docente, o tempo de atuação, a atualização, as expectativas em relação à capacitação, as metodologias, conteúdos, avaliação e teorias que sustentam suas práticas. Os dados coletados foram sistematizados de acordo com categorias eleitas, como: a presença ou a ausência da arte nas formações desses sujeitos; o que isso acarreta em termos de qualidade no trabalho com Arte e que necessidades e dificuldades esses professores apresentam em relação a este campo de trabalho. Espera-se que os resultados desta investigação contribuam com dados sobre as condições do trabalho com Arte pelos pedagogos, permitindo inferir aspectos que colaborem com a melhoria da (trans) formação docente em relação a este campo, além de oferecer elementos para a Formação Continuada que possa efetivamente, com base nas necessidades apontadas pelos entrevistados, qualificar práticas, ressignificar vivências e experiências, atribuindo mais sentidos às experiências profissionais e existenciais dos entrevistados.

Palavras-chave: Educação Estética. Formação de Professores. Arte na Pedagogia

RESUMEN

GARCIA, Angela G. **La Situación del Arte Junto a Pedagogos en los Años Iniciales: Un Levantamiento Junto a la Red Pública Estatal de Pelotas / RS.** 2013. 78f. Monografía (Especialización en Artes Visuales- Enseñanza y Recorridos Poéticos). Programa de Pos-Graduación en Artes Visuales. Universidad Federal de Pelotas, Pelotas.

Este estudio discurre sobre un levantamiento diagnóstico realizado junto a pedagogos que trabajan con Arte en la escolarización básica, en diez escuelas públicas estatales del municipio de Pelotas, RS. El estudio tuvo por objetivo investigar qué aspectos intervienen en los procesos pedagógicos de estas escuelas, problematizando la presencia y la suficiencia de las Artes y de la Educación Estética en la formación inicial del profesor pedagogo, tomando como ejemplo este proceso en el Curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Pelotas, UFPel. La investigación diagnóstica tuvo su metodología apoyada en la aplicación de instrumentos de pesquisa del tipo cuestionario y entrevistas que investigan la formación docente, el tiempo de actuación, la actualización, las expectativas en relación a la capacitación, las metodologías, contenidos, evaluación y teorías que sustentan sus prácticas. Los datos colectados fueron sistematizados de acuerdo con categorías electas, como la presencia o la ausencia del arte en las formaciones de esos sujetos y lo que eso significa en términos de calidad en el trabajo con Arte, bien como cuáles necesidades y dificultades esos profesores presentan en relación a este campo de trabajo. Se espera que los resultados de esta investigación contribuyan con datos sobre las condiciones de trabajo con Arte por los pedagogos, permitiendo inferir aspectos que colaboren con la mejoría de la (trans) formación docente en relación a este campo, además de ofrecer elementos para la Formación Continuada que pueda efectivamente, en base a las necesidades apuntadas por los entrevistados, calificar prácticas, ressignificar vivencias y experiencias, atribuyendo más sentidos a las experiencias profesionales y existenciales de los entrevistados.

Palabras-clave: Educación Estética. Formación de Profesores. Arte en la Pedagogía.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Formação, Atuação e Carga Horária.....	60
TABELA 2: Conteúdos Trabalhados em Sala de Aula.....	60
TABELA 3: Tipos de Avaliação Empregados.....	60

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	5
LISTA DE TABELAS.....	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I: INICIANDO POR MIM.....	10
1.1. Origem e Contribuições deste Estudo.....	12
CAPITULO II: ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA.....	16
2.1.O Estético e a Arte na Educação.....	16
2.2. A sensibilidade na Formação de Professores.....	19
2.2.Referenciais para o Ensino das Artes nos Anos Iniciais	23
CAPITULO III: A ARTE NA PEDAGOGIA.....	27
3.1. Minha Experiência com Artes na Pedagogia	27
3.2. O Curso de Pedagogia da UFPel.....	29
3.3.Metamorfoses Pedagógicas do Sensível na (Trans) Formação	38
Capitulo IV: O PROCESSO DE PESQUISA.....	44
4.1. A Investigação.....	44
4.2.Discussão dos Resultados.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A arte é a contemplação: é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que ela também tem uma alma. É a missão mais sublime do homem, pois é o exercício do pensamento que busca compreender o universo, e o fazer com que os outros o compreendam.

Auguste Rodin

Pensando na citação acima, me vem à mente uma das "missões" do homem, que é a busca da compreensão do lugar que ocupa no universo. Isto passa pelas questões relacionadas ao conhecimento, e conseqüentemente, às formas de aquisição deste, assim como às instituições responsáveis pelo processo, às mediações e às pessoas envolvidas neste processo. A Arte é uma forma de conhecimento que se alia à Filosofia e às Ciências para dar corpo às reflexões que os humanos fazem. Todavia, em nossa cultura ocidental, a Modernidade a secundarizou como conhecimento ao fundar seus paradigmas na razão e na certeza, substituindo o espaço vivido pelo espaço pensado, a arte pela ciência, a emoção pelo raciocínio.

No tocante à Educação, especificamente no campo de formação de profissionais da educação, a herança deste modelo observa-se na negação da sensibilidade como forma de conhecer e refletir sobre o mundo. Isto acarreta, de um lado, em uma racionalização excessiva dos processos de conhecimento e em uma mecanização do trabalho docente, e, de outro, se traduz, na escola, pela priorização do trinômio: "*Ler, Escrever, Contar*".

Estas considerações nos fazem perceber que a *sensibilidade* tem sido tratada, em geral e pelos formadores de professores, como coisa *menor* ou *secundária*, não sendo reconhecida, portanto, como forma de conhecimento ou ampliação da consciência. Em contrapartida, as teorias contemporâneas em Arte, Filosofia e Estética - que repercutem nesta formação- compreendem o sensível como matéria prima para uma existência mais qualificada, inclusive profissional, e não apenas como *serva* da razão em realizações cognitivas consideradas *superiores*.

Pensando nestas questões, resolvi investigar mais de perto a situação da arte e da sensibilidade junto aos Pedagogos, partindo de minha própria experiência com a Arte e a Educação Estética. Este processo iniciou-se durante minha formação docente inicial em Pedagogia, na Faculdade de Educação da UFPel, em Pelotas, RS, onde fui "cativada", irreversivelmente, pela arte.

Para tanto, busquei autores que pudessem oferecer uma reflexão sobre os processos pedagógicos que envolvem a arte na Pedagogia, que afirmam que a presença da sensibilidade na Formação Continuada é uma necessidade para quem trabalha em educação, e a universidade não pode se eximir desse processo.

A Formação Inicial de professores compreende a graduação em licenciatura adequada à área de atuação, no caso, a Pedagogia, promovendo a habilitação profissional à prática docente. A Formação Continuada, por sua vez, consiste na atividade na qual o professor em exercício a realiza com uma finalidade formativa, de desenvolvimento profissional e pessoal, individualmente ou em grupo (ZAMPERETTI, 2012).

Este estudo apontou que as ações de Formação Continuada são uma "mão de dupla via", pois a qualificação da rede de professores incide, de forma direta, na qualificação das licenciaturas, pois seus alunos participam do processo da escola através através dos estágios, observações de aulas, extensão e pesquisa.

Se quisermos levar a sério uma educação que permita uma integralidade da pessoa, que não fragmente o ser em partes separadas, devemos aceitar que somos uma totalidade expressiva, cognitiva, criadora, política etc. Para tanto, precisamos considerar a educação da sensibilidade, a Educação Estética, e sua expressão através da Arte como forma de qualificar a convivência humana.

O desafio, portanto, nessa época de paradoxos, especialmente na formação de professores, campo onde se insere este estudo, é trabalhar a partir de saberes que integrem parâmetros considerados secundários pela sociedade, como a emoção, o sentimento, os conhecimentos específicos que só a arte traz, e tudo o que se pode resumir pela palavra *estética*.

A Estética, para Terry Eagleton (1990) é uma *rebelião do corpo contra a tirania teórica*, e nasce como um discurso sobre o corpo. Dirige-se à sensibilidade, por contraste ao pensamento conceitual. Do grego *aísthesis*, o estético diz respeito à totalidade do sensível, ao movimento de nossos afetos e aversões, à maneira como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais.

Imagina-se que a importância fundante e fundadora, conteúdo e continente da experiência estética na formação docente deveria atender ao primado da diferença radical da consciência e da compreensão que são instauradores. Ou seja, a formação da sensibilidade e o ensino de arte deveriam estar presentes a partir da criação de uma *atitude estética*, onde cada educador se desenvolva a partir da sua

própria singularidade de *vivente*, como diz Maturana (1998). Isso acarreta uma complexa trama que não exclui, para ele, a existência de cada um, a melhoria dos estados de ser e de estar que constituem o viver, viver este que, para este autor, é conhecer, e conhecer é viver. Esse conhecer, para ser completo, não pode prescindir da sensibilidade aliada ao inteligível, pois somos seres sensíveis, únicos, reconheçamos ou não.

CAPITULO I: INICIANDO POR MIM

Exponho aqui algumas experiências pessoais para que o leitor melhor compreenda a importância que o estudo aqui narrado representa para mim.

Conquistar uma vaga na UFPEL para mim foi uma grande vitória. Quando uma amiga me ligou dizendo que meu nome estava na lista de aprovados, não acreditei, e só me convenci quando vi com meus próprios olhos.

No primeiro contato com os colegas de sala, senti-me um pouco deslocada, talvez por ser uma das alunas de maior idade, em uma turma onde a grande maioria dos alunos era bastante jovem. No entanto, passada essa impressão, fui muito bem recebida e aceita, tanto pelos colegas como pelos professores, e, em seguida, já me sentia muito à vontade.

No decorrer do curso, a cada semestre, fui percebendo que tinha feito a escolha certa, pois as aprendizagens que fazia me levavam a rever conceitos, formar uma opinião, questionar, debater, defender minhas ideias e posições.

O Curso de Pedagogia, como um todo, proporcionou-me experiências muito enriquecedoras, oportunizou-me estudar e conhecer o trabalho de muitos autores: filósofos, teóricos, pensadores, educadores. Embora tudo o que tenha aprendido até então tenha sido de suma importância para minha formação, foi nas aulas de Artes que vivenciei momentos decisivos para minha trajetória acadêmica.

Como o Curso de Pedagogia da UFPEL oferece apenas uma cadeira obrigatória para o ensino de Artes, cursei também duas disciplinas optativas. Entrando em contato com a Arte e suas concepções, compreendi a importância da mesma na vida de qualquer ser humano, inclusive na minha. A arte, especialmente na Educação Estética, quando vivenciada, além de auxiliar nas relações humanas, aproximar pessoas através do sensível, é uma forma de conhecimento que alia este sensível ao inteligível na experiência estética.

A partir das aulas de artes, dos conhecimentos teóricos e das oficinas desenvolvidas nestas disciplina, senti-me motivada a buscar mais conhecimentos, especialmente sobre a importância da arte na educação. Para tal, participei, durante o ano de 2010, de uma pesquisa proposta por três alunos de nossa turma que investigou como os professores leigos estão trabalhando o ensino da arte nas escolas estaduais de Pelotas. Dessa pesquisa originou-se o projeto que utilizo atualmente como ferramenta de trabalho, no Curso de Especialização em Artes Visuais, no Centro de Artes da UFPel, para o qual estou realizando esta investigação de conclusão.

As aulas de artes¹ para mim foram muito significativas e esclarecedoras, contribuíram muito para minha formação no sentido de que possibilitaram, também, melhorar as relações com os colegas, tanto em sala de aula como fora dela.

As relações da turma em sala de aula, antes do contato com a arte eram bastante distantes, tensas, egocêntricas, as alunas não trabalhavam em grupos. Durante e após as aulas práticas nas Oficinas de Criação Coletiva, senti-me mais a vontade, menos tímida em relação à convivência com os colegas e com a professora. Revendo estas experiências hoje, percebo o quanto esses processos, sensibilizadores, exploratórios, de construção de conhecimentos e saberes através da Arte foram de suma importância para minhas futuras práticas docentes. Além do prazer que a Arte dispõe, do conhecimento que alcança, de si, do outro, da cultura, melhorou a minha autoestima, e senti-me mais segura para perseguir minhas metas, buscar novas fontes de aprendizagem e partir em busca da conquista de meus objetivos que, agora, incluíam a Arte como indispensável para o ato de educar.

Nas questões éticas, aprendi com a arte a refletir sobre meus pensamentos e ações de maneira diferente de até então, aprendi a valorizar a imaginação, a criação, a expressão, o papel da imagem no cotidiano e especialmente na sala de aula. A arte, aí, contribui para a formação de sujeitos mais sensíveis, éticos, responsáveis, criadores, conscientes e mais humanos, tendo em vista uma sociedade melhor.

Esta visão adveio de uma mudança, deflagrada nas aulas de arte na Pedagogia, em relação ao Campo de conhecimento "Artes". Mudou minha concepção sobre o que é a arte e seus processos, entendi que a arte se reflete em

¹ Cursei uma optativa de artes, "Linguagem em artes e comunicação", de 4 créditos, e Uma Atividade complementar de graduação, ACG, "O trabalho com artes no ensino fundamental, com 4 créditos.

tudo que produzimos, sentimos e vivemos. Aprendi também que todos somos capazes, cada um do seu jeito ou estilo, que podemos aprender e fazer arte. Mas, mais do que isto, entendi que possuímos a capacidade de sentir, de criar, que a arte nos torna sensível, pois para entender e apreciar uma obra de arte é preciso ter sensibilidade e conhecimento para entender o sentimento do artista na hora da sua criação, sua proposta de reflexão, o que a obra em si nos provoca, etc.

A arte contribuiu também nas minhas relações interpessoais, pois passei a conversar mais e interagir com os/as colegas/as de trabalho. Além das aulas, as oficinas também foram muito importantes, visto que, desde criança, gostava de fazer trabalhos manuais, e nas minhas “criações” eu utilizava com frequência materiais industrializados, e, a partir das aulas de artes, aprendi que a melhor atitude é a de criarmos nosso próprio estilo, colocando nos trabalhos a nossa “identidade”.

Aprendi também com o teórico de arte Herbert Read (1978), considerado um autor clássico da área, que a produção expressiva e criativa da criança deve ser preservada, não só de qualquer representação, mas também de qualquer instinto de cópia. Seja o que for que a criança possa desenhar sob influência ou instrução, desenha também para seus próprios fins, que por vezes são *obscuros*, e é a natureza independente desta atividade que deve ser estabelecida em primeiro lugar. ou seja, fazer arte comporta sempre uma boa dose de liberdade de ação. A arte é algo que vale como uma atividade em si, não um *instrumento* para escrever, ler e contar.

Entendi também que é fundamental, em Arte-Educação, romper com os estereótipos, nossos e das crianças, para que o aluno trabalhe de forma criativa, sem ter modelos prontos ou influências do professor na consecução das atividades de arte, deixando assim vir à tona o universo expressivo do aluno (ou da criança), para que ele, então, *mediado* pelo professor, seja produtor de seu próprio saber.

Assim sendo, as aulas de artes foram decisivas na escolha do curso de pós-graduação que desejava cursar.

1.1. Origem e Contribuições deste Estudo

Este estudo teve início em 2010, a partir de discussões desencadeadas pela disciplina de Práticas Educativas VI, do sexto semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, a FaE, da Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas,

RS, que tornou importante verificar, a nível de sala de aula, entrevistando os alunos da disciplina, a importância da Arte no processo formativo de professores e alunos. Os resultados deste primeiro levantamento, realizado por mim e mais três colegas², incentivaram a continuidade da pesquisa numa perspectiva mais ampla.

A partir desta experiência nascida em sala de aula, pensei então em realizar uma investigação da situação do ensino de Arte e da Educação Estética nas escolas, analisando como ocorre o trabalho de professores dos anos iniciais que, em princípio, não são formados em Artes, mas trabalham com Arte e Educação Estética.

Partindo da pergunta de "porque pesquisar a arte na Pedagogia?" este estudo foi pensado a partir da consideração de sua importância porque, baseada em minha prática, observei que é o professor pedagogo que lida diretamente com a arte quando não há professor de Arte na escola. Mesmo quando há, o professor de Arte trabalha somente duas horas/aula, o restante do tempo é do pedagogo que todavia continua a lidar de forma indireta com a arte, ao educar através de imagens.

A partir destas questões, considerei importante realizar uma ligação entre o que os pedagogos fazem na escola e o que recebem de formação em arte na pedagogia, como também os que não recebem. Assim, optei por pesquisar as práticas de pedagogos que: a) Não tiveram nenhuma formação de Arte na Pedagogia ou na formação em magistério; b) Os que tiveram esta formação nestes espaços. Neste caso, busquei saber se ela foi suficiente e como ela está preparando os pedagogos para os desafios que enfrentam em sala de aula, além de investigar que tipo de trabalho com artes realizam, suas concepções sobre esta e quais suas necessidades de atualização.

Entendo que estas análises possam contribuir com o debate que cerca a formação de professores, no caso, as relações entre Artes Visuais Licenciatura e Pedagogia, para que esta trabalhe com Arte e Educação Estética de forma íntima. Saliento, todavia, que não se trata de substituir um pelo outro, mas de pensar-se na qualificação da prática dos futuros pedagogos através do contato com a Arte. As Artes possuem conteúdos específicos, que deveriam ser trabalhados pelos especialistas em suas áreas, de maneira a enriquecer os currículos escolares em direção à integralidade.

² ECKERT, Eliane; GARCIA, Ângela M. F.; COSTA, Camila G.; MEIRA, Mirela R. O ensino das Artes na Formação Docente. **XX CIC UFPel. Anais**. Pelotas, 2011.

Enfatizo a importância dos educadores em geral atentarem para o fato de que existem conteúdos específicos do campo das artes que devem ficar sempre a cargo do Arte-Educador, figura que não deve deixar de existir. Todavia, existem formas de trabalhar com arte que os pedagogos devem poder experimentar, descobrir, ter contato, para enriquecer seu trabalho junto a seus alunos. O "professor-leigo", ou seja, o que não é formado em artes, deve ter passado por experiências estéticas em sua formação para poder trabalhar, por exemplo, com as influências da Cultura Visual, que não é privilégio das Artes, mas um campo transdisciplinar de estudos. Acredita-se que a consciência sobre o próprio trabalho, a atualização e a reflexão sobre o Ensino de Arte, a Cultura Visual, a expressão Infantil e a sua própria auxiliam esse professor na ressignificação e qualificação de suas práticas, permitindo com que atribua sentido a suas experiências docentes e existenciais.

O desenvolvimento de uma cultura artística por parte do educador, o refinamento de sua sensibilidade, o conhecimento da linguagem gráfico-plástica da criança, por exemplo, são processos que possuem conteúdos imprescindíveis que deveriam ser conhecidos não só pelos pedagogos, mas por todos os professores que têm contato com crianças. Entretanto, é preciso reconhecer que fica difícil delimitar estas duas áreas, o que é das Artes e o que é da Pedagogia, o que exigiria um outro trabalho só para falar sobre isto, mas o certo é que a arte é uma ferramenta poderosa de educação, conforme já apontara Herbert Read (1978), em sua obra *Educação Através da Arte*.

Salienta-se, a título de esclarecimento, que existe um trabalhar em conteúdos "sobre" arte e um trabalhar "com-em" arte. O professor que não passou por atividades de arte em suas formações dificilmente poderá trabalhar de forma integral com Arte com seus alunos, razão pela qual se deseja descobrir o que ele entende por Arte e como pode potencializar uma Educação Estética, que se estende também ao campo existencial. Não se trata, por outro lado, de se utilizar a arte somente como ferramenta, mas de potencializar o que suas formas de trabalho permitem como a criação coletiva, a experiência estética, a capacidade de ousar, arriscar-se.

A Arte possui conteúdos próprios, repito, que devem ser trabalhados pelo professor de Arte, que possui formação para tal e domina seu campo de experiência, além de possuir toda uma reflexão sobre suas especificidades. Todavia, nada impede que o pedagogo trabalhe num sentido mais geral, com uma Educação

Estética, que é mais ampla que a Arte, mas a contém, através de metodologias criadoras, que permitam o florescimento da expressão de seus alunos.

Após os argumentos expostos, espero que a reflexão proporcionada pela investigação aqui descrita auxilie a compreender questionamentos como: Como o pedagogo vai incentivar a expressão infantil se não viver em si a Arte? Se não conhecer as formas através das quais a criança se expressa? Se não criar, para poder estimular a criação em seus alunos?

Acredito que, desta forma, este trabalho pode contribuir com formação de professores de uma maneira geral, não só pelo conjunto de informações e impressões sobre o trabalho docente com arte, suas demandas e necessidades a partir do contato direto com as vivências escolares dos docentes dessas escolas, mas que também atenda ao compromisso social da Universidade pública, qual seja, a produção do conhecimento e a sua socialização a comunidade.

Esta preocupação já havia sido manifesta pela professora de artes do Curso de Pedagogia da UFPel, que realizou uma investigação junto às alunas da Pedagogia, para levantar suas necessidade em relação à arte-educação, visando entender as relações e a importância da Arte na Pedagogia. Em 2009³, a coleta de dados se deu através de depoimentos de cerca de cem alunos para verificar a existência, a qualidade e a suficiência dos espaços de criação coletiva e cognição sensível no Curso, e se a formação estética oferecida é capaz de qualificar as práticas dos futuros docentes⁴.

Espera-se então, face ao exposto, investigar as condições em que se dá o Ensino da Arte pelos entrevistados como forma de compreensão do papel da Arte na formação docente, especificamente no Curso de Pedagogia, verificando que melhorias podem ser feitas em sua implementação. Desejo para subsidiar um debate sobre a formação continuada não só junto aos alunos de Pedagogia, mas, contribuir para a modificação das condições de trabalho e dos processos pedagógicos, ético-estéticos e com Arte na escola, já que este incide, direta ou indiretamente, na qualificação da formação docente.

³ MEIRA, M. ZAMPERETTI, M. *Metamorfoses Pedagógicas: Arte, Experiência Estética e Criação Coletiva*. Depto. Ensino, FaE.UFPel. 2009-2012.

⁴ Este trabalho será detalhado em capítulo próprio, mais adiante.

CAPITULO II: ARTE e EDUCAÇÃO ESTÉTICA

2.1. O Estético e a Arte na Educação

A discussão da dimensão estética na educação é um fato relativamente recente e estende-se para além da arte. Um marco nesta discussão foram as ideias de Herbert Read, crítico de arte e educador inglês que, nos anos 1940, propunha que a arte deveria ser a base da educação, criando uma corrente teórica chamada de arte-educação. Esta foi difundida no Brasil principalmente pela iniciativa de Augusto Rodrigues, educador que fundou instituições de ensino de arte chamadas de Escolinhas de Arte. De lá para cá, "muitas foram suas denominações, mudanças de enfoque e metodologias subjacentes, frequentemente distintas e até conflitantes", sublinha Duarte Jr.(2010, p.35). Este autor discorre sobre a necessidade de discussão da dimensão estética do ser humano na educação, seja sob que nome for, embora a discussão atual esteja mais centrada, segundo ele, no lugar que a arte deve ocupar no processo educacional, qual o seu papel ali, qual seria seu significado para o ser humano. Assinala ele que:

[...] Assim é que, historicamente, tomou-se como base uma concepção da arte como centro de toda a atividade educacional, como base até da aquisição de habilidades reflexivas próprias da ciência e da filosofia, para se chegar agora ao entendimento de que a arte constitui tão só uma disciplina a mais dentro do currículo escolar, dotada de conteúdo específico e algo às demais áreas do conhecimento". (DUARTE Jr, 2010, p.36)

Todavia, o autor realiza uma ressalva, assegurando que a dimensão estética é mais ampla do que a arte, ao afirmar que "[...] o trabalho com a arte, portanto, consistiria apenas numa das muitas formas de exercer uma educação estética em sua mais ampla significação" (2010, pg.37). Todavia, Mírian Celeste Martins (2006,p.6) alega que é a linguagem da arte quem

[...] parece instigar o educador, de qualquer área, a se tornar mais sensível às leituras de mundo expressas não só pelas obras de arte, pelas manifestações culturais, mas pelos seus aprendizes, com mais sensibilidade, com mais sutileza e crítica e a pensar também não só através da linguagem verbal tratada apenas pelo seu modo mais objetivo e frio e não ampliada pelo poético que também está nela presente.

A arte na educação, e na formação de professores, faz sentido não só como experiência, mas também como reflexão acerca da arte, da vida, da criação, e é preciso ser considerada na perspectiva de uma "educação estética, e não a de um intelectualismo doutoral e formalista, tão só faz sentido baseada em vivências sensíveis" (DUARTE Jr., p.44).

Incluir a sensibilidade como forma de conhecimento e a arte na educação proporcionaria sistemas de pensamento mais integrais, onde a arte, tão excluída como dimensão humana, afigura-se como uma manifestação expressiva, trabalha com a objetivação de sentimentos expressos em uma *forma* (pictórica, plástica, dramática, musical, escultórica, dança etc), assinala Meira (2007). A autora acredita que a educação da sensibilidade através da arte seria responsável por um ser humano partícipe e transformador, capaz de estruturar uma linguagem pessoal, configuradora de um sentido e uma coerência existenciais. A mobilização do sensível através da produção artística relaciona concretude / imaginário / cognição sendo, portanto, um processo comunicativo e cultural, deslocando-se para além de uma mera disciplina no currículo escolar.

A importância da arte na educação é ressaltada, sobretudo, porque ela mobiliza níveis altíssimos de consciência (OSTROWER, 1983) capazes de contribuir com alternativas para os desafios da contemporaneidade. Segundo Fayga Ostrower, qualquer cultura alimenta-se da vida, da intercomunicação de seu povo, e neste processo, as linguagens artísticas são fontes de leitura e compreensão da realidade, construtoras da subjetividade, proporcionam conhecimento e leitura de códigos e símbolos com que o imaginário social se revela.

Para Meira (2007) a experiência estética age nos sentidos humanos de maneira direta, sem a intermediação da linguagem discursiva, fazendo-o experimentar a beleza como uma forma de relação subjetiva e cultural, proporcionando uma cognição sensível, desvelando razões novas, porque as velhas nos impedem de olhar à volta e construir um pensamento criativo, alegre, autônomo, central a si mesmo, que resgate, no mundo, uma paixão: a paixão de conhecê-lo.

A experiência estética articula-se no ser, extrapola a representação ou sensorio-motora das percepções, considera o temporal, o dinâmico, o desejo, os afetos, paixões, desgostos. A Estética se ocupa dos assuntos humanos, de produção e transformação de determinadas matérias em objetos de contemplação –

e conhecimento. Seu *objeto* é o homem, as coisas que ele produz, analisadas desde um saber específico, datado, que é o sensível (VÁZQUEZ, 1999, p. 53).

Na dimensão existencial, a educação estética, se incluída na formação de professores, na educação, ou ocupando outros lugares, seria capaz de proporcionar ao humano entrar em contato com o poético da existência, pois “o poeta, mais que qualquer outro, instala seu corpo subjetivo exatamente no lugar frequentado por sua consciência e sua sensibilidade”, diz Michel Onfray (p. 2009, Pp.29-30). Fazer arte permite ao sujeito com que “todas suas emoções, sensações, percepções, todas as suas histórias singulares amadurecem em sua alma fantasiosa e um dia resultam num texto curto que oferece a quintessência de sinestésias fantásticas: sentir cores, degustar perfumes, tocar sons, ouvir temperaturas, ver ruídos”. Fazer arte então é como uma viagem, “é pedir às palavras o poder das fornalhas alquímicas: despejar no cadinho da experiência aquilo capaz de tornar incandescentes os metais e obter o ouro de um punhado de imagens que permanecem”. E é o poeta quem “transforma a multiplicidade das sensações num conservatório reduzido de imagens incandescentes destinadas a ampliar nossas próprias percepções”, continua p autor.

Michel Maffesoli, sociólogo francês, fala de uma “sensibilidade da razão” fundada em um *paradigma ético-estético* que se refere a uma “potencialidade inativa que se encontra na raiz da finitude sensível “antes” que ela se aplique às obras, aos conceitos filosóficos, a funções científicas, aos desejos mentais e sociais” (MAFFESOLI, 1998, p.11),. Favorece a correspondência das pessoas e destas com coisas e símbolos, dirige-se à criação, é processual, remete a uma ética de singularidades, permite a ruptura de consensos, dogmatismos. Abandona o experimentalismo artístico para expandir-se à criação, leva aos extremos a invenção de coordenadas mutantes, de qualidades desconhecidas.

Maffesoli (idem, p.12) diz que o estético compreende *o vitalismo social onde o sentimento de existir*, entre as paisagens do corpo, da alma, do social, dos ajuntamentos, da *massa global sinérgica* (1996) harmoniza e movimenta material, espiritual e naturalmente o social.

O estético diz da compaixão, pois é um valor em si que tem na arte testemunho, contágio afetivo, paixão, maravilhamento, promove estados vívidos, imediatos, concretos, de emoção, euforia: é pra isso que a poesia existe. Pra dizer o que não se diz. E só assim aumentar o campo dos prováveis do dizer (LEMINSKI,2001, p. 90).

. 2.2. A Sensibilidade e a Arte na Formação de Professores

A argumentação acima demanda uma breve menção ao papel que a arte e o estético têm na educação, especialmente porque vivenciei em mim esta importância.

Perto do final do século XX, estudos alertaram para o problema das aprendizagens, e, quando se fala de aprendizagens, fala-se, inevitavelmente, de professores. Alguns temas impõem-se como temas obrigatórios de reflexão e intervenção, entre eles a *diversidade*, a redefinição das práticas de inclusão social e de integração escolar, o (des)preparo do professor para lidar com *novas tecnologias*, (NÓVOA, 2009). A estes aspectos acrescentaria outra vertente, qual seja: a da *formação da sensibilidade* dos professores, sem a qual há limites nas possibilidades de humanização, de desenvolvimento de valores, do conhecimento e trabalho com Artes, seja onde for.

Nosso século de mudanças rápidas assistiu, nos últimos anos, "a um regresso dos professores à *ribalta educativa*, depois de quase quarenta anos de relativa invisibilidade", diz Nóvoa (2009, p.12). Depois de termos passado por vários outros problemas, como a racionalização do ensino, a pedagogia por objetivos, o esforço para prever, planificar, controlar, a engenharia do currículo etc. e, nos anos 90, entram em cena as organizações escolares, seu funcionamento, administração e gestão. O *regresso* dos professores ao centro das preocupações e de políticas adotadas recentemente no Brasil exige que se polemize um debate sobre a formação de professores, suas dificuldades e possibilidades de atuação. As rápidas mudanças sofridas pelo conhecimento em nosso século, que incluem o paradigma ético-estético em seu horizonte, demandam conseqüentemente alterações na paisagem desta formação.

O tema "formação de professores" ganhou ênfase a partir de 1980 e atualmente é utilizado como objeto de pesquisa por alunos e professores. Para melhor esclarecer o significado e dar sentido a relevância do referido assunto, escolhi dialogar com alguns autores, entre eles cito Bicudo que diz que

[...] Formação é uma denominação que busca explicitar a ideia de que a problemática escolar da contemporaneidade está intimamente ligada à formação do professor. Ou seja, tendo-se detectado, por meio de inúmeras pesquisas, a incompetência de a escola efetuar, com sucesso o ensino das Letras, da Matemática, das Ciências Naturais e Humanas, das artes, e de ir

além desse ensino e realizar a educação do cidadão, o que solicita a construção de princípios éticos e a expressão de atitudes éticas no convívio com os outros no contexto de organizações político-sociais, voltou-se o olhar para o trabalho dos professores e, em seguida, para os cursos que os formam. (BICUDO, 2003, p 22)

A autora refere-se à baixa qualidade do ensino, revalidando, a importância do trabalho da pesquisa que tem como um dos objetivos buscar para soluções para qualificar o trabalho dos professores, Para tal, segundo Maristani Zamperetti, é preciso considerar também que:

[...] Iniciando-se antes do ingresso nos cursos de preparação para o magistério, a formação docente prossegue durante a vida do profissional; além disso, as experiências anteriores dos futuros professores, adquiridas ao longo de sua vida estudantil têm grande influência nesta formação. Porém, a formação inicial é extremamente relevante para a formação profissional, constituindo-se na primeira fase de um longo processo de desenvolvimento profissional. No exercício da profissão, em contato com suas práticas pedagógicas, o professor adquire saberes, evidenciando a ampliação da formação docente para além dos bancos universitários. (ZAMPERETTI, 2012, p.31).

Entre estes saberes estão o estético, e a arte, dimensões que têm sido negadas desde que a Modernidade elegeu a razão como a forma mais importante, se não a única, forma de conhecer. Estas dimensões incidem diretamente, segundo Meira (2010) na formação de professores, sendo respeitáveis especialmente porque se dirigem à formação integral do ser, além de funcionarem como um vínculo com o campo da desrazão. Só o acessamos em estados alterados de consciência, no sonho ou através da arte. Através da experiência estética, qualificar a sensibilidade para a ação, a contemplação e a escuta de perguntas sobre a vida, como orientá-la à humanização tem na Arte uma possibilidade de *transfiguração do vivido*, uma integração da *sombra*, o *expurgo da pobreza de pão e afetos*.

O sensível é capaz de lidar com os fluxos ininterruptos e descontínuos da dinâmica contínua da vida e congelá-los na sensação instantânea de algo que se eterniza em formas, na arte - onde registra experiências indecifráveis, dá forma ao inominável, à angústia. Na Arte ou fora dela, permite ao professor o acesso ao prazer de compreender, aceitar e entender a resistência do outro, suas incompreensões, limitações, possibilidades.

Luciana Loponte (2008), arte-educadora, crê que a formação de docentes necessita “aprender muito com os artistas e as artistas, com a arte contemporânea, com a vontade de criação impulsionada pela arte”. Indaga se “não poderia, afinal, a

docência ser uma obra de arte? Não poderíamos aprender com a arte essa vontade de sermos artistas de nossa própria existência?”. Ressalta a importância de uma formação estética e artística “para além de disciplinas ou cursos que passem panoramicamente por técnicas e atividades artísticas”, alimentando esteticamente as futuras docentes “com um mergulho em experiências que as desloquem, que as perturbem, que subvertam esse modo linear e contínuo de compreender a arte e a infância” (id.ib.).

Entre estas experiências se localiza o contato com obras de arte, pois:

[...] A constante vivência como espectador da arte produz em nós uma familiaridade com signos estéticos, com os códigos em que as obras são expressas, tornando-as, pouco a pouco, símbolos que representam sentidos, sentimentos e vivências (...) [e] Por certo, a reflexão encontra-se sempre presente na vida daqueles que se entregam a experiências diante da arte” (DUARTE Jr, p.43-44).

Para Meira (2010) o estético qualifica a sensibilidade para a contemplação e a escuta de perguntas sobre a vida, sobre como orientá-la num sentido que produza leveza, humanidade, transfiguração do vivido. De forma intensa, expurgando o *mal*, a escravidão, a pobreza de pão e afetos, o estético é capaz de lidar com os fluxos ininterruptos e descontínuos inerentes à dinâmica contínua da vida, congelados num átimo de segundo, na sensação instantânea de algo que se eterniza. Ao consumir-se na interrupção da respiração, no batimento do coração, descola-se para registrar experiências indecifráveis. A experiência criadora que aí se faz permite extrair e atribuir ao mundo sentidos para serem sentidos, partilhados, na interação com múltiplos universos de outros seres.

O estético vincula-se à vida e à Arte, à facticidade cultural e existencial, à implicação ética, pedagógica e política, ao transcendental, à ambientação social; garante a diversidade expressiva, a transformação através da reflexão e da ação; aposta na criação de uma nova ética, de consciência da necessidade do cuidado, do exercício da convivência.

Na formação de professores, retomar o conhecimento sensível apresenta um desafio, na medida em que ele tem sido sistematicamente negado. Ele promove um estado de suspensão da experiência corriqueira, abre-nos à generosidade da comunicação, expressa nossos estados afetivos, alcança ferramentas para presentificar decisões, superações, resoluções, formular perguntas. Mirian Martins fala de um professor transformado pela sensibilidade, nutridor de experiências

sensíveis, de *professor propositor*, que tem entre suas características o desassossego, a busca:

[...] Somente como professores inquietos poderemos ultrapassar o senso comum que nos mantém no que já fizemos, que nos faz repetir o que deu certo para outros, que nos conserva acomodados no que se já sabemos. Vivenciar a ação pesquisante, o olhar indagador, a vigília criativa e atenta ao mundo ao nosso redor, o estudo, a leitura, a constante formação cultural nos alimenta como profissionais da educação. Profissionais que aprendem seu ofício na convivência diária com a pesquisa de sua própria prática.(MARTINS, 2006,p. 2)

A união do sensível e do inteligível na forma de uma Educação Estética deve ser capaz de constituir uma racionalidade alargada, necessária às renovações na formação de professores. E esta tem, na Arte, uma forma de conhecimento e uma aliada imprescindível. Sem esquecer a educação das emoções e dos sentidos, pois, como enfatiza Antonio Damásio (2000, apud MEIRA, 2012), neurocientista, são as *emoções* é que são indispensáveis à vida racional, pois elas nos fazem únicos, e, ao contrário do que se pensa, não dependem exclusivamente do cérebro, mas da interação corpo-mente-entorno e de percepções do corpo do outro. Descartes *errou* ao separar mente e corpo, pois o sentimento é mental, trans-figuração mental da emoção, que é corporal. Esta, ao passar a *mapa imagético*, influencia o corpo e vice-versa, então mente e corpo não se separam.

A partir do exposto, reforço a ideia de que na formação de professores muitas mudanças necessitam entrar em cena. Entre elas, mais do que nunca, a inclusão do estético na trama curricular, que não pode estar alienada dele, pois permite a integralidade de práticas docentes, além de uma maior consciência ética e de humanização.

2.2.Os Referenciais para o Ensino das Artes nos anos iniciais

A Arte na Educação passou à disciplina obrigatória nas escolas através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no. 5692/71, e reafirmada pela nova LDBen, a 9394/96, agora como campo cultural, não mais mera disciplina. Segundo a lei, seu ensino deve ser realizado durante todas as instâncias da Educação Básica em quatro áreas: Artes Visuais, Música, Artes Cênicas e Dança. Os professores, habilitados para tal, deveriam trabalhar desde o primeiro ano da

criança nas escolas, mas de fato não é o que se verifica em muitas delas. O professor especializado em uma das linguagens, nos quatro primeiros anos, deveria atuar junto ao pedagogo, e nos anos finais, com carga horária própria. O Arte-Educador, que possui sua formação realizada em cursos de licenciatura, está apto a trabalhar os conteúdos específicos de sua disciplina. O que não quer dizer que o Pedagogo não deva ter artes em sua formação.

A regulamentação das artes na educação possuem documentos de normatização, entre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, são referenciais desenvolvidos com o objetivo de nortear a prática pedagógica do professor em sala de aula, nas diferentes áreas do currículo. Segundo eles, em sua introdução”, foram formulados com a intenção de oferecer um instrumento de apoio às discussões pedagógicas dentro da escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático.

Na área de arte, foram apresentados enquanto documentos que propiciavam a compreensão do significado da arte na educação, buscando explicitar conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino de arte, como no que concerne à arte contextualizada nas relações sociais, como manifestação humana.

Oa Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, na versão da edição de 1997, volume seis já previam a divisão do estudo por setores ou ciclos correspondentes às séries, compondo o primeiro ciclo o período compreendido entre a 1ª e a 2ª série, o segundo ciclo, como o período entre a 3ª e a 4ª série, que é foco da pesquisa por corresponder aos anos iniciais.

Uma das ideias discutidas nos foi a de desenvolvimento do ensino de *referências estéticas*, através do estudo da história da arte, e da área de arte como multidisciplinar, no sentido de sugerir uma prática envolvendo diferentes linguagens artísticas, segundo o momento de trabalho em sala de aula.

As artes interagem através de diferentes linguagens, e demandam uma pedagogia que estimule a criatividade artística nas mais diferentes expressões, o que caracteriza, no campo da pedagogia, uma inovação no ponto de vista dos conteúdos que devem fazer parte, então, da formação de professores.

É importante que o pedagogo possua uma formação tanto inicial quanto continuada que alicerce sua prática docente neste campo, pois é necessário um conhecimento específico para que os objetivos da arte e seus processos

pedagógicos, propostos por estes documentos norteadores, possam ser alcançados em sala de aula, por meio de atividades de criação artística, exploração de materiais e técnicas e leitura de obras:

O ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno. (BRASIL, 1997, p.37)

O desenvolvimento da arte na escola deve então atender a busca de um ensino voltado para a reflexão estética e histórica da arte, buscando simultaneamente o desenvolvimento de uma expressão pessoal criativa e crítica.

Todavia, são ainda muitos os professores que desenvolvem, a despeito disto, uma postura de trabalho com base em temas estereotipados, em clichês, modelos para colorir e “métodos” excessivamente voltados para o conhecimento meramente *técnico* da arte, em detrimento de procedimentos que promovam evolução e uma renovação na educação através da arte. Essa necessidade corresponde a um emergente processo de reformulação educacional que atinge não só área de arte, mas todo o sistema de educação.

Acredito que seja extremamente importante que o pedagogo, em sua formação universitária, tenha a oportunidade de experimentar por si mesmo cada uma destas etapas e conteúdos específicos da Arte, pois é no contato com uma vivência significativa que passamos a valorizar determinado conteúdo ou área do saber. Somente após experienciar as etapas do fazer, apreciar, fruir e refletir sobre os processos estéticos e artísticos é que o pedagogo poderá melhor (re)conhecer a importância de proporcionar experiências semelhantes para seus alunos, na escola.

O aluno de primeira a quarta série do ensino fundamental busca se aproximar da produção cultural de arte. Entretanto, tais interesses não podem ser confundidos com submissão aos padrões adultos de arte. A vivência integral desse momento autorizará o jovem a estruturar trabalhos próprios, com marca individual, inaugurando proposições poéticas autônomas que assimilam influências e transformam o trabalho que desenvolvem dentro do seu percurso de criação nas diversas formas da arte (BRASIL, 1997, p. 37)

A *percepção estética*, segundo estes estudos, é um processo *cultivado* que depende muito da ação escolar. Criar e ser criativo depende fundamentalmente do desenvolvimento e do estímulo, de maneira a possibilitar a estruturação de um

conhecimento que habilite o aluno a reconhecer na arte suas propriedades estéticas, e a produzir sua própria representação artística, nas mais diferentes linguagens, dentro do contexto das relações educacionais, estéticas e cotidianas com a arte.

Cabe também ao professor tanto alimentar os alunos com informações e procedimentos de artes que podem e querem dominar quanto saber orientar e preservar o desenvolvimento do trabalho pessoal, proporcionando ao aluno oportunidade de realizar suas próprias escolhas para concretizar projetos pessoais e grupais. A qualidade da ação pedagógica que considera tanto as competências relativas à percepção estética quanto aquelas envolvidas no fazer artístico pode contribuir para o fortalecimento da consciência criadora do aluno (BRASIL, 1997,p.37)

Conhecer o universo da arte possibilita reconhecer em si mesmo o potencial criador, através do seu desenvolvimento. A educação através da arte constitui um importante meio para o desenvolvimento da criatividade e do cultivo do conhecimento estético, através do conhecimento da produção artística consagrada e da elaboração de uma expressão estética pessoal.

Em meu entendimento, o objetivo central dos Parâmetros Curriculares para o Ensino da Arte consiste em propor que a arte seja estudada enquanto uma área de conhecimento, como forma de modificar o “conceito” das atividades artísticas na escola, anteriormente muito voltadas para a confecção do “produto” artístico. Segundo este referencial, anteriormente, o estudo relativo às questões estéticas e históricas era entendido como um “intelectualismo redutor”, que tolhia a expressividade dos alunos. O incentivo à produção livre e espontânea distanciou o ensino da arte do estudo das produções consagradas e de sua história, tendo, por consequência, o esvaziamento do “conteúdo”.

CAPITULO III: A ARTE NA PEDAGOGIA

3.1. Minha Formação em Arte na Pedagogia da UFPEL

A formação que recebi em arte, proporcionada pelo Curso de Pedagogia, centrou-se em uma disciplina, Práticas Educativas VI, ministrada no sexto semestre do mesmo, com 85 horas aula⁵. A cadeira abrangeu questões que perapssam as artes na escola, os processos criadores, o fazer gráfico-plástico e construtivo na infância, as linguagens expressivas, a produção cultural da criança, a cultura visual, o combate aos estereótipos do professor e da criança, o desenvolvimento da arte como linguagem infantil e o desenho como escrita, a partir de observações e coleta de expressões infantis em escolas da região. Entre seus objetivos, constam experimentações estético-intelectuais, teórico-críticas e criadoras, o incremento à pesquisa, à criação e à capacidade de problematizar o ensino da arte na Educação Infantil, anos iniciais e EJA. Como se vê, é uma programa bastante extenso para ser ministrado em apenas um semestre.

As atividades da disciplina problematizam o ensino da arte a fim de desenvolver a auto-expressão, experimentos com suas linguagens, além de experiências estéticas de fruição artística e contato com eventos de arte. Para tanto, a cadeira em questão pesquisa a adequação de metodologias às faixas etárias e aos processos expressivos capazes de melhor subsidiarem a ação dos futuros docentes. Para tanto, ações como pesquisar, conhecer e experienciar materiais, suportes, técnicas e processos artísticos associam-se à ampliação do repertório imagético pessoal dos futuros docentes.

A metodologia adotada nesta disciplina abarca leituras, seminários e experiências estético-artísticas capazes de valorizar potencialidades e capacidades criadoras em direção a saberes (consciência) em arte e sobre arte. Trata-se de criar uma cultura em arte, através de seus processos. Propõe a estruturação de vivências

⁵Disciplina ministrada pela profa. Dra. Mirela Ribeiro Meira, do departamento de Ensino da FaE/UFPEL.

criadoras em experiências, reflexões e construções teóricas, e também atividades de auto e hetero avaliação.

As atividades desenvolvidas nesta disciplina esperam construir uma ética de auto-compreensão, solidariedade e convivência respeitosa entre a turma, e para tanto, inclui a autoavaliação como parte considerável do processo, uma vez que são considerados não apenas os aspectos ligados a conteúdos, mas também as transformações éticas, de consciência e convivência que a disciplina é capaz de operar nos alunos.

Como processo metodológico principal, ao lado de seminários, são realizadas Oficinas de Criação Coletiva (MEIRA, 2007), laboratórios criadores onde são concretizadas experiências práticas com materiais e técnicas de arte. Estas se constituem em modos operativos “inventados”, formas metodológicas de abarcar os experimentos propostos, atendendo ao humano em sua circunstância amorosa, ética e de preservação da vida. Para fazê-lo, se inventa e desinventa a partir de interações, relações, poderes, querer e saberes sem a pretensão de acabamento ou submissão a ordens vigentes⁶.

As Oficinas, que ocupam cerca de cinquenta por cento do tempo da disciplina, possuem como conteúdo o fazer da arte, sua poética, e se realizam através de atividades práticas seguidas de uma reflexão sobre estas.

Para que haja uma adequação maior do que é proposto, no início do ano é realizado um levantamento sobre quais oficinas os alunos gostariam de fazer, e conforme o resultado, são implementadas oficinas de música, teatro, desenho, pintura, recorte e colagem, pintura, fabricação de tintas, pincéis, fantoches, *papier machê*, etc. O objetivo é subsidiá-los com processos que possam desenvolver depois com seus alunos, a partir de sua experenciação em si. Os experimentos propostos partem do conhecimento de si, passando pelo outro, pelo símbolo, para depois chegarem ao universo cultural próximo e remoto. A professora realiza uma breve pesquisa com as alunas no início do semestre, perguntando o que consideram arte, e as compara com o final do semestre, para ver se há mudança. A grande maioria afirma ter mudado, se não completamente, em grande parte, suas concepções de arte, conforme pesquisa relatada⁷.

⁶ Para saber mais sobre as Oficinas, acessar Meira, 2007: *Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas possibilidades em Oficinas de Criação Coletiva*. Tese de Doutorado.

⁷ Ver nota de rodapé n.4.

Duas outras possibilidades, durante o curso, podem ser acessadas pelos alunos, mas não de forma obrigatória, como a primeira. Sua oferta depende da carga horária da professora, que nem sempre possui disponibilidade de ministrá-la. Geralmente, estas ocorrem de dois em dois anos, alternadamente. A primeira é uma Disciplina Optativa chamada de *O trabalho com artes no ensino fundamental*, que possui uma carga horária de 45 h/a. A segunda, *Linguagem em Artes e Comunicação*, com carga horária de 68 h/a por semestre. Ambas tratam de questões relativas à expressão infantil, ao Letramento Sensível e Imagético, à Arte-Educação e Educação Artística, incluem Oficinas de Criação Coletiva, o lúdico e a Cultura Visual, o corpo em movimento, as linguagens musical e teatral, como trabalhar a arte na escola, metodologias criadoras e processos reflexivos sobre o fazer da arte. Entre os conteúdos estão o fazer criador, a expressão do aluno-professor, as Oficinas, a experimentação e a pesquisa em Artes Visuais e Comunicação Visual, que passam pela apreciação, leitura e produção de imagens (HQ, obras, História da Arte).

Entre os objetivos estão os de proporcionar situações vivenciais, teóricas e reflexivas no campo da Arte, construindo conhecimentos através de experimentações estético-intelectuais, teóricas e criadoras, incrementando a pesquisa, inovação, a capacidade de solucionar problemas, e a adequação das linguagens expressivas à Educação Infantil, capazes de subsidiar a ação docente. Para tanto, desenvolvem experiências, interações, conhecimentos e saberes sensível-intelectuais em Oficinas, Seminários, e também a vivência de ações criadoras em Oficinas de Criação Coletiva, desenvolvendo uma linguagem pessoal e ampliando o repertório sensível/expressivo. Intentam pesquisar, conhecer e experimentar materiais e técnicas associadas às atividades artísticas no Ensino Fundamental e EJA.

Estas disciplinas fazem parte do corpo do projeto Político Pedagógico do Curso, aqui explicitado de forma sintética, para que se possa compreender melhor a localização da arte neste espaço.

3.2. O Curso de Pedagogia da UFPel

Para que o leitor se situe em relação ao Curso de Pedagogia⁸, vamos apresentar, brevemente, alguns dados sobre o Projeto Político Pedagógico do mesmo, que tem sua última configuração finalizada em maio de 2012. Este se fundamenta nos princípios de integração, interdisciplinaridade, trabalho coletivo, autonomia, cooperação e solidariedade para garantir um currículo e processos normativos flexíveis, ofertando trajetórias curriculares que enriqueçam a formação básica do pedagogo, ultrapassando a organização sequencial de conteúdos ou disciplinas, estabelecendo redes de significações e relações entre os temas curriculares e as áreas de atuação privilegiando Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Gestão Educacional. Estes se traduzem como Blocos Temáticos a serem trabalhados em disciplinas de formação profissional geral e específica, articulada a uma formação teórica na totalidade social, das instituições educativas, da escola, do ensino na sala de aula, da pesquisa e da gestão de sistemas/redes e instituições.

Privilegia a articulação entre teoria e prática, o princípio investigativo na ação docente, a perspectiva interdisciplinar, a sustentação epistemológica que oriente as tomadas de decisões pedagógicas e dos processos de gestão, delineando um contexto educativo inclusivo, em que se considerem as formas peculiares de aprendizagem e os espaços/tempos próprios de cada sujeito, a concepção democrática e a educação como direito de todos, considerando-se crianças, jovens e adultos.

Formar com capacidades teórica, técnica e humana, numa abordagem de totalidade da realidade e dos sujeitos, rompendo com as dicotomizações entre pensamento e ação, sujeito e objeto, natureza e homem, para contribuir na

⁸Criado através da Portaria/UFPel nº. 638/78 de 24/10/1978, e autorizado pela Portaria/MEC nº. 92 de 08/03/1984, publicada no Diário Oficial da União em 09/03/1984. Funciona na Faculdade de Educação da UFPel, na Av. Alberto Rosa, n. 154, Bairro Centro, em Pelotas, RS em dois turnos: noturno e diurno. Atualmente, diurno recebe 50 estudantes por ano em cada turno, entregando à sociedade novos professores capazes de atuar na Educação Infantil, nos Anos Iniciais, na Educação de Jovens e Adultos, além da Gestão. Funciona em Modalidade Licenciatura, com a titulação conferida de "Licenciado em Pedagogia". Dura quatro anos e meio, ou seja, nove semestres, e tem uma carga horária total de 3.604 h/a, o que equivale a 3.203 horas-relógio. O número de vagas oferecidas é de 50 diurno e noturno, e o regime acadêmico é semestral. Prevê dois tipos principais de ingresso: pelo Sistema de Seleção Unificada – SiSU e por Reopção, Transferência e Reingresso.

construção de projetos educacionais participativos que representem a vontade da comunidade escolar, bem como atuar pedagogicamente de maneira a atender às demandas sociais e consolidar a função social e política da educação.

Os **objetivos gerais** da formação básica para a Licenciatura em Pedagogia são:

- Contribuir para (re) definir e implementar uma política de profissionalização das professoras da zona sul, do Estado do Rio Grande do Sul, devendo, em função disso, o projeto ser acompanhado e avaliado permanentemente, interna e externamente;
- Oportunizar condições teóricas reflexivas necessárias para que a licencianda possa tornar-se efetiva participante no desenvolvimento do projeto político-pedagógico escolar, capaz de explicitar e explicar a lógica da práxis educativa na perspectiva da sua contínua reconstrução, visando tornar o ensino da escola pública uma realidade de qualidade para todos, voltado para a construção da cidadania e o bem estar social;
- Criar uma dinâmica de formação profissional de qualidade crescente, fundada na indissociável relação teórico-prática, abrangendo um conjunto de habilidades e atitudes profissionais específicas, igualmente fundamentais.

Os **objetivos específicos** do Curso se dirigem a:

- ✓ Compreender as possibilidades e os limites da educação - como prática social/institucional e como processo construtivo pessoal - a partir do estudo das múltiplas relações e inter-relações constituintes do processo educativo escolar e não escolar: relações sócio-históricas, políticas, econômicas, administrativas, bio-psicosociais, epistêmicas, culturais e pedagógicas;
- ✓ Trabalhar os fundamentos teóricos e metodológicos básicos das ciências que integram o currículo, propiciando uma compreensão qualificada das mesmas;
- ✓ Desenvolver capacidades de organização e dinamização curricular, para o desdobramento crítico e coletivo do projeto político-pedagógico escolar, na perspectiva de assegurar, criativamente, a todos os alunos, a possibilidade do êxito qualitativo na formação de sua cidadania;
- ✓ Capacitar a licencianda mediante a construção de ferramentas teórico-metodológicas que a auxiliem a compreender como ocorrem os processos de aprendizagem de crianças, jovens e adultos, para que, a partir dessas compreensões, possa organizar e implementar estratégias de ensino no cotidiano da sala de aula;
- ✓ Desenvolver conhecimentos que fomentem o aprendizado de ações para compreender, planejar e realizar processos de ensino que garantam a inclusão escolar e social;
- ✓ Proporcionar situações em que a identificação de problemas socioculturais e educacionais seja realizada mediante a prática investigativa e a capacidade de intervenção, visando à construção de respostas

alternativas e criativas, a produção do conhecimento e a aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

O perfil do egresso projetado pretende a formação, a qualificação e a capacitação de profissionais da educação com capacidade para:

- a) considerar a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (Art. 5º, II e III), a base de sua formação e identidade profissional;
- b) ter a pesquisa como elemento fundamental de sua formação e atuação profissional, de modo que a formação teórico-prática seja articuladora dos processos cognitivos e socioculturais de aquisição, apropriação, produção e socialização de saberes;
- c) realizar a prática pedagógica fundamentada na investigação educativa tornando a reflexão sobre a própria prática característica indispensável de sua formação continuada e de seu desenvolvimento profissional;
- d) desenvolver habilidades teórico-práticas para diagnosticar e atuar na diversidade (Art. 5º, X) das questões educacionais contemporâneas, demonstrando uma visão ampla e histórica sobre conceitos, princípios e teorias da educação, marcada por uma postura política, crítica e criativa (Art. 5º, IX);
- e) participar da gestão (Art. 5º, XII e XIII) democrática da escola e do sistema de ensino, contribuindo no planejamento e na coordenação dos processos educativos, com habilidades técnicas e humanas de executar tarefas pedagógicas e utilizar o conhecimento socialmente acumulado na produção de novos conhecimentos;
- f) considerar a escola como instituição que transcende seus muros e se abre à sociedade local, nacional e mesmo universal e que projeta a intencionalidade de sua ação educativa em outras áreas, para além dela mesma (Art. 5º, V), cumprindo sua dimensão cultural, política e ético-estética de educar.

Acima, o leitor pode conhecer um pouco mais as premissas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas.

É interessante observar que, em se tratando de Arte, de certo modo, e guardadas as proporções, acaba por se tornar um pouco incipiente. No decorrer do que lemos nos objetivos gerais e específicos do currículo, nos deparamos com uma série de teorias e expectativas que traduzem as aspirações de um ensino que possa oferecer, ao futuro pedagogo, meios para realizar um trabalho que compreenda um ensino qualificado e satisfatório. Entretanto, é possível verificar que esta qualidade,

por ser um valor, vincula-se a processos que em tese não poderiam abrir mão também da formação da sensibilidade, e da inclusão da Arte nas discussões. Em relação a esta, o currículo ainda parece insuficiente, mesmo que aborde, por vezes, características deste campo do conhecimento. Quanto ao assunto Arte, ou estético, percebe-se que, se em nenhum momento do currículo são citados de forma explícita. Ainda podemos notar que, quando o curso pretende amparar o pedagogo ao adentrar no mercado de trabalho, acaba por referir-se, justamente, a particularidades desenvolvidas no curso de Arte, como se pode observar nos itens, Objetivos Gerais e Específicos, evidenciado na letra F.

Sendo assim, acredito que o curso de Pedagogia deveria, neste contexto, ofertar aos graduandos um conhecimento maior em se tratando de Arte, visto a grande importância que teria para a formação do estudante.

Atualmente, falar em perspectiva multidisciplinar e numa educação que possibilite “integração, interdisciplinaridade, trabalho coletivo, autonomia, cooperação e solidariedade”, como descrito nos objetivos acima, parece ter se tornado algo muito importante nas licenciaturas, e se torna especialmente relevante na Pedagogia, pois diz respeito a valores, e não se pode ensinar sem valores, assim como não se pode ensinar sem sensibilidade. Acredito que o pedagogo, ao lidar com as variadas realidades encontradas - que, não poucas vezes, podem ser bastante diferentes daquela visão idealizada de uma sala de aula -, precisa sim, estar munido de condições, de repertório, de materiais e experiências não só objetivas, racionais e teóricas para desenvolver um trabalho que lhe traga bons frutos. A Arte poderia auxiliar nessa caminhada, juntamente com as outras cadeiras do curso de Pedagogia. Será possível alcançar estes valores sem a Arte, que por seus processos favorece justamente as relações, a interdisciplinaridade, o trabalho coletivo, a autonomia, a colaboração e a solidariedade?

A Arte, campo do conhecimento que atua no desenvolvimento humano, desenvolve a criatividade, a criticidade, o autoconhecimento, e, no campo estético, visa despertar nesses estudantes o sensível, o lado mais humano, a capacidade de conviver com o inusitado, com as diversas interpretações que uma mesma imagem pode oferecer. A Arte lhes possibilitaria uma forma de imersão, com maior propriedade, em mundos diversos, em diferentes experiências, processos criadores, expressivos, instrumentalizando-os para lidar com os alunos com os quais irá conviver de uma forma mais segura e mais eficaz, ou seja, com maior propriedade.

Por esse motivo, penso e afirmo, por experiência própria, que ter contato com a Arte somente no 6º semestre do curso não é o suficiente, pois o pouco tempo torna quase impossível dar conta da multiplicidade do conteúdo da disciplina, que não é possível relacionar-se pedagogicamente num período tão curto de tempo. As atividades deveriam iniciar-se desde o princípio do curso, e isto faria diferença no tipo de pedagogo que se quer formar.

Para o melhor entendimento do leitor, seguimos adiante com a análise do PPP e observemos o que ele oferece e trabalha com o graduando de Pedagogia. É oportuno destacar então que tanto nos campos teórico quanto prático e político-social, as potencialidades pretendidas no currículo da Pedagogia, condizem, em vários momentos, com aspirações da Arte. Assim, as competências e habilidades básicas esperadas, segundo o PPP (2012), "não devem restringir a formação apenas a atender às exigências imediatas do mercado de trabalho, mas contribuir para a intervenção social na construção da cidadania", o que se expressa nos seguintes aspectos:

a) teórico: domínio de conhecimentos científicos para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com base na articulação teórico-prática que possibilite a compreensão de como se dá a aquisição, a produção e a socialização do conhecimento, enquanto processo coletivo de construção, e de seus fundamentos históricos, políticos e sociais;

b) prático: capacidade de pensar, coordenar, propor, orientar e executar o trabalho pedagógico no âmbito da escola, dos sistemas de ensino ou em outros contextos organizacionais, educacionais e culturais, envolvendo diferentes sujeitos, seja individuais ou coletivos, compreendendo os problemas fundamentais dos processos de ensino-aprendizagem. O trabalho docente como base da formação profissional e princípio educativo e a ênfase na pesquisa e na extensão, como prática social, são fundamentais aqui;

c) político-social: compreensão de que a prática profissional está inserida num contexto social mais amplo, o que requer a vinculação do projeto educativo a um projeto político-social, comprometido com a construção de uma sociedade autônoma e incluyente. A gestão democrática, como instrumento de luta contra a gestão autoritária na escola, e o compromisso ético do profissional da educação, com ênfase na concepção sócio-histórica da sociedade, fazem-se imprescindíveis para essa compreensão;

d) interrelacional: compreensão do trabalho coletivo e interdisciplinar, entre alunas e entre professores, como eixo norteador do trabalho docente e da redefinição da organização curricular dos profissionais como seres sociais que entendem a si mesmos e seu grupo social na dinâmica afetiva. A dimensão interrelacional da formação não pode reduzir-se à vivência, à significação e à produção de conhecimentos durante o período "acadêmico". É preciso articular formação inicial e continuada, assegurando solidez teórico-prática na formação inicial e diálogo permanente entre o *locus* da formação inicial e o *locus* da atividade profissional, via programas e projetos

de educação continuada, correspondendo à concepção de uma formação em redes de conhecimento e saberes.

A Arte é essencial na construção da cidadania, pois trabalha na consciência, estimula à convivência, a solidariedade, a compreensão do lugar do homem no universo, através de suas obras. Se estas refletem a interpretação que o artista tem de seu mundo, a forma como ele o interpreta, reflete, conseqüentemente, sua cultura, além de representar, em sua imaginação, o imaginário social. Além do mais, a arte (trans)figura em símbolos a cultura de cada povo, e serve, ainda, de possibilidade de conhecimento de épocas distintas, pois dela podemos obter informações sobre o passado, a vida das pessoas, seus costumes etc.

Para o aluno, a arte é importante pois, ao desenvolver seu potencial de percepção, intuição, reflexão, investigação, sensibilidade, imaginação, curiosidade e flexibilidade, auxilia na interação de grupos, e na própria comunicação entre os humanos. Assim, permite a problematização de seu cotidiano social, podendo também trabalhar a diversidade e diminuir as discriminações e os preconceitos entre as pessoas nos dias de hoje, levando a uma aceitação maior entre elas.

O Curso foi planejado a partir do perfil profissional de referência e dos objetivos que delimitam os conteúdos a serem trabalhados, bem como suas formas de organização e de abordagem metodológica. Sua organização curricular é vista como um "acordo coletivo" sobre como produzir o conhecimento profissional, responde a quatro grandes preocupações com a formação, explicitadas a seguir:

- a) problematização e compreensão dos limites e possibilidades do trabalho educativo escolar, em toda a sua complexidade epistemológica, humana/social e institucional, bem como entendimento do cotidiano escolar como um dos parâmetros balizadores da competência da profissional da educação;
- b) aprofundamento epistemológico e metodológico nas ciências que integram o currículo;
- c) concepção do ensino como projeto, com intencionalidade e projeção de atividades, coletivamente definidas, visando superar espontaneísmos e imediatismos nas práticas educativas, tendo como perspectiva o êxito qualitativo de todos os alunos na formação de sua cidadania;
- d) concepção de formação da profissional da educação como projeto, além de institucional, também pessoal, visando responsabilizar e integrar mais diretamente o educando no seu processo auto-formativo, segundo seus interesses, necessidades e afinidades.

As quatro preocupações descritas constituem Blocos Temáticos que servem de referência para a distribuição das disciplinas⁹ nos quatro anos e meio letivos do Curso.

O curso conta com *Disciplinas Obrigatórias* para atender a formação básica do licenciado e *Disciplinas Optativas* de 4 créditos (68h), que não estejam contemplados nas obrigatórias, e cuja exigência é de, no mínimo, cinco, até o penúltimo semestre do Curso. Entre as *Disciplinas Optativas*, encontra-se uma denominada de "O trabalho com Arte no Ensino Fundamental, de 68 h/a, e uma ACG chamada de Linguagens em Artes e Comunicação, também com 68 h/a. Todavia, estas não fazem parte do currículo obrigatório, e dependem de disponibilização de vagas. Normalmente, a procura é muito grande, o número médio das mesmas é de 30 alunos, contra 4 ou cinco das outras.

Há ainda a exigência de uma *Prática Como Componente Curricular (PCC)*¹⁰ e um *Estágio Obrigatório, o Estágio Curricular Supervisionado*¹¹, desenvolvido a partir do sétimo semestre do Curso, precedidos de observações, análises de contexto, monitoria e/ou docência compartilhada.

Além deste, há um *Estágio Não-Obrigatório* opcional, acrescido à carga horária regular do Curso, e *Atividades Complementares De Graduação, as ACGs*, com um mínimo de 200 horas, de participação em seminários, encontros, palestras, publicação de artigos e resumos, atividades de pesquisa, de extensão, iniciação científica, representação discente, dentre outras.

O *Trabalho Final De Curso* pode ser um artigo científico-reflexivo elaborado na disciplina de Práticas Educativas IX, que é o Estágio de Docência.

O *Sistema De Avaliação* compreende três formas de avaliação; a avaliação da aprendizagem, a Avaliação do Curso e a Avaliação e acompanhamento de Egressas.

⁹ A grade curricular do curso, com ementas das disciplinas que compõem os quatro Blocos Temáticos estão nos anexos.

¹⁰ Integrada às disciplinas de Teoria e Prática Pedagógica (TPP) e Práticas Educativas (PE), cuja integralização da prática soma 14 vezes 2 créditos (34h/a) resultando em 476h/a. As exceções ficam para PE VIII, que é exclusivamente prática, com 4 créditos (68h/a) e a dimensão prática da disciplina de Preparação para Trabalho Final de Curso de 10 créditos (5 teóricos e 5 práticos – 85h/a). Portanto, a dimensão prática (prática como componente curricular) está composta pelas 476h/a + 68h/a + 85h/a, totalizando 646 h/a.

¹¹ 1) Gestão em espaços escolares, redes ou sistemas; 2) Anos Iniciais ou da Educação Infantil ou da Educação de Jovens e Adultos. As disciplinas Práticas Educativas VII e IX. correspondem aos estágios.

Como a disciplina de Artes de localiza no sexto semestre, achei interessante localizar as outras experiências que os licenciandos possuem em seus currículos. Abaixo, as ementas e a caracterizações das disciplinas por blocos temáticos. Em todos os semestres, das *Práticas Educativas (PE)*.

	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
EMENTAS	I – Reflexão de caráter histórico e sociológico acerca das relações entre educação, cultura e sociedade, fornecendo instrumentos analíticos e desenvolvendo habilidades de pensamento e de leitura que possibilitem a compreensão do fenômeno educativo e da escolarização como práticas culturais e simbólicas que mantêm estreitas conexões com as sociedades em que se inserem.	II – Análise dos principais paradigmas históricos da educação, enfocando especialmente a emergência e o desenvolvimento do sistema escolar de massas e os pensadores clássicos da Pedagogia.	III – Estudo da profissão docente nos seus aspectos pedagógicos, políticos, históricos, antropológicos, culturais, econômicos e éticos. As diferentes abordagens teóricas que têm buscado compreender como vem se constituindo a profissão docente.	IV – Educação brasileira: colônia, império e república. Escola Nova – Democratização – Educação na ditadura militar.
	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre
EMENTAS	V – O brincar, o movimento e a cultura lúdica infantil contemporânea. Teorias sobre o brincar. História cultural do brinquedo. O brincar no cotidiano da educação infantil. Corporeidade e identidade cultural. O movimento e o desenvolvimento infantil. Cultura lúdica infantil Contemporânea, corporeidade e os espaços e tempos do brincar nas infâncias.	VI – Arte-educação e linguagens expressivas na infância. Artes Visuais (História da arte, crítica da arte e fazer artístico na infância – Desenho, pintura, gravura, escultura, modelagem, colagem). Musicalização infantil. Dramatização e artes cênicas na infância. Linguagens expressivas como mediadoras da produção cultural da criança.	VII – Neste bloco os alunos desenvolverão o estágio de responsabilidade em Gestão em escolas da rede pública de ensino.	VIII – Este bloco visa instrumentalizar o licenciando para receber alunos com deficiência auditiva (Módulo de Libras)

BLOCO TEMÁTICO ESCOLA, CULTURA E SOCIEDADE

Os outros blocos, que não constituem nosso foco, são: Escola, Cultura e Sociedade (ECS), Ensino-Aprendizagem, Conhecimento e Escolarização (EACE), e Teoria e Prática Pedagógica (TPP).

ESCOLA, CULTURA E SOCIEDADE VI	0360253	6º	4	68	-	68	-----
ENSINO APRENDIZAGEM CONHECIMENTO E ESCOLARIZAÇÃO VI	0350279	6º	4	68	-	68	0350283, 0360223
TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA VI	0350291	6º	5	51	34	85	0360221
PRÁTICAS EDUCATIVAS VI	0350288	6º	5	51	34	85	--
OPTATIVA (4)	Variável	6º	4	68	-	68	Variável

O quadro das Ementas, exposto acima, mostra que a presença da arte é reforçada no VI semestre por saberes desenvolvidos em outras disciplinas, como brincar, corporeidade, lúdico etc. Contudo, as investigações feitas até a data presente apontam sempre para a mesma direção, ou seja, a necessidade de qualificar o curso de Pedagogia da UFPEL ampliando os conhecimentos sobre Arte distribuídos em um ou outro semestre.

Tratando da visibilidade à necessidade de ampliação da Arte no Curso, acrescento um texto sobre uma pesquisa realizada com alunos do Curso de Pedagogia que trata da presença e da importância da Arte na formação de professores, e constatou esta necessidade. Um dos motores da pesquisa foi a detecção da necessidade de cumprimento da resolução CNE/CP no, 1, de 15 de maio de 2006, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia/ licenciatura¹², que, apesar de obrigatória, não está sendo atendida em todo o território brasileiro. Chamamos a atenção especial ao artigo 6o., parágrafo I, item "e", que valoriza as dimensões estética, cultural, lúdica e artística, entre outras, nas práticas educativas, e o item "i", que destaca a decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens incluída as artísticas.

3.3. Metamorfoses Pedagógicas do Sensível na (Trans) Formação Docente

A transformação docente, um dos objetivos da disciplina de Arte na Pedagogia, pode ser verificada através de uma investigação que colocou em cheque sua importância. Partiu das afirmações de Luciana Loponte (2008), quando assinala que é preciso alimentar esteticamente as futuras docentes com um *mergulho em experiências* que as *desloquem, perturbem, subvertam* esse modo *linear e contínuo* de compreender a arte e a infância. Para realizar essa proposição, Meira (2009; 2010) conjurou uma categoria inventada, chamada de *Sensível-em-Pedagogia*, que sistematiza atividades em modos metodológicos configuradores de sentido¹³ em torno das *Oficinas de Criação Coletiva*.

¹²Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em 20.09.2013

¹³Reunidos sob o nome de Oficinas de Criação Coletiva, que não se restringem à essa situação, mas podem se alterar enquanto vivenciadas, transcender sua circunstância, se tornarem um lugar simbólico sem caracterização fixa/disciplinar. (cfe. MEIRA, 2007).

Esta categoria norteou uma pesquisa denominada de *Metamorfoses Pedagógicas: Arte, Experiência Estética e Criação Coletiva*, realizada no curso de Pedagogia da FaE/UFPel, em Pelotas, RS¹⁴. Esta investigou a presença, relações e reverberações de uma Educação Estética e artística, propondo uma inserção articulada em seu projeto pedagógico. Consubstancializou que corpo, influências, qualidade, transformações e relações a Experiência Estética e a Criação Coletiva, sob a perspectiva da Arte, imprimem aos futuros docentes, verificando que demandas conceituais e sensíveis melhor o instrumentalizam para trabalhar com o estético e a Arte na Educação Infantil, e junto ao Arte-educador, nas séries iniciais. A pesquisa, qualitativa, coletou dados de cerca de 160 alunos do Curso através de depoimentos escritos sobre oficinas realizadas, trabalhos teóricos, memoriais sensíveis e auto-avaliações. A investigação permitiu inferir, a partir da análise da metade do material coletado a) Sua importância na habilitação dos futuros professores e na educação em geral; b) As transformações intra, inter e transubjetivas nos corpos, no trabalho e nas vidas dos entrevistados a partir do contato com experiências estéticas e artísticas; c) A necessidade de sua ampliação quantitativa, temporal e nas séries do Curso de forma articulada.

A partir de instrumentos e categorias específicas, formulário de avaliação e reflexões teóricas e sobre as experiências estéticas das oficinas de criação coletiva, a pesquisa verificou:

a validade da Educação Estética e artística como alternativas de enfrentamento do embrutecimento sensível a que estamos submetidos, à constituição de re-sentidos que podem proporcionar como campos de conhecimento e provedores de saberes. Focou nas re-flexões do florescimento expressivo, criador, sensível, criativo e da visualidade de alunos durante a disciplina de Práticas Pedagógicas VI, de 85 h/a, no sexto semestre do Curso de Pedagogia, por mim ministrada, que oferta situações experienciais, teóricas e reflexivas no campo da Arte. (MEIRA,2010)

A pesquisa concluiu que houve mudanças- "tanto do educador quanto da criança- ao possibilitar a interação com várias linguagens¹⁵" (MEIRA,2009) consoante é apanhado no depoimento abaixo:

A grande maioria dos depoimentos, segundo a professora (MEIRA,2010) indicou que, na formação docente, "é preciso romper com a repetição do mesmo

¹⁴ A referência completa está na nota de rodapé n. 4.

¹⁵ MEIRA, Mirela. **Alfabetização Estética e Letramento Sensível na Formação Docente**. ANAIS do II CILLIJ. Porto Alegre: PUC, 2009. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/Artigos.htm>. Anais

observado nas salas de aula da universidade e das escolas- promovendo uma formação crítica com relação aos estereótipos do cotidiano escolar - especialmente se estes restringem a expressão infantil". O desenho, por exemplo, não pode ficar de fora da alfabetização: é uma primeira escrita, sua *poetização*. O gosto de pintar, desenhar, criar parece instintivo em qualquer criança normal, que se exprime acerca do mundo que a cerca muito antes de saber escrever, diz Read (1982, p.253).

Relacionar-se com materiais e técnicas expressivas desenvolveu uma convivência que demandou aceitar nossos próprios "outros", admitir a confusão, a crise, a contradição, as diferenças, nas interações cotidianas. Isso apareceu de maneira muito clara nos depoimentos da pesquisa, e também que o tipo de experiências e conhecimentos providos pela Educação Estética incide de forma direta nas escolhas - em relação a si e a seus futuros alunos- e na forma como serão propostas: a) ou *metamorfoses do sensível*, criadoras, ou b) modelos prontos e os estereótipos, reprodutores.

Mais de noventa por cento da turma afirmou ter sofrido uma mudança radical no que considerava arte, nas formas de lidar com ela, com os estereótipos, clichês e preconceitos que a mesma envolve. O mais interessante, todavia, foi a constatação de sua importância, ou melhor, da impossibilidade de ser educar de forma integral sem a área da arte: "Eu não via arte como arte". Essa disciplina me proporcionou um olhar diferente sobre o que é arte. Ela melhora a percepção e as relações, é interação, é importante para o desenvolvimento (da gente e da criança)".

É claro que não foram só flores. Muitas (cerca de 0,8 %) queixaram-se do desassossego, do incômodo, da bagunça que experimentaram, "muito diferente das outras disciplinas". Não gostaram, não queriam saber de "olhar no olho", "deitar no chão", mexer na tinta "que arrepiam", daquela "sujeira que depois a gente tem que limpar".

O trabalho com arte provou o acontecimento de movimentos pedagógicos cujo *resultado* operativo se desenrolou destravando a expressão e calando a tão conhecida frase recorrentemente escutada: "-Professora, eu não sei desenhar..." que combate a pobreza expressiva, a incapacidade criadora e de conhecimento em arte, que pode movimentar criança e adulto em direção a seu ser. Conforma um "estar" mutante enquanto "evento", cuja temática são as pessoas em relação. Aproxima-se indelevelmente dessa afirmação colhida em depoimentos: "Arte é

comunicação, Arte é alegria, é prazerosa, é vida. A beleza está nos olhos, nas atitudes, mas principalmente na iniciativa de transformar”.

Como desdobramentos da disciplina, os alunos que participaram da investigação e outros criaram um *blog* da disciplina, e decidiram pintar uma parede na Faculdade de Educação com grafiteagem. Ainda elegeram a Arte como tema da de sua Semana da Pedagogia, e realizaram Oficinas de Criação em escolas, para mães e professores, falando da importância da expressão infantil. Atualmente, estão cuidando de conseguir um espaço permanente para exposição de obras de arte dos alunos do Curso de Artes Visuais no espaço da faculdade.

Os depoimentos registraram de forma unânime a importância e a necessidade de ampliar o espaço da arte na Pedagogia, do exercício da criação como reconfiguração de sentidos existenciais e profissionais, da mudança nos conceitos de arte, suas funções e presença na educação: “Aprendemos conceitos, criamos e produzimos. Percebi a importância da arte na educação, passei a admirar as artes.”

A arte garantiu transformações intra, inter e transubjetivas, construiu seu espaço como conhecimento, prazer, festa, jogo, nos corpos, trabalho e vidas: “A arte está ao alcance de todos, basta querer. Agora paro para ver os desenhos. Vejo a arte como necessidade total de comunicação. Adorei!!”

A totalidade dos dados sublinha a urgência da ampliação quantitativa, temporal e espacial da Arte no Curso de Pedagogia: “As aulas práticas ajudaram na integração da turma, entendemos o que é ter liberdade - com responsabilidade- para criar, arriscar... Arte é também expressão. É também comunicação, alegria, precisa muito. Para mim, hoje, é indispensável!”.

Segundo depoimentos anotados pela investigadora, as Oficinas deflagraram toda uma mudança conceitual, vivencial, reflexiva, de compreensão e ação dos envolvidos, o que demandou uma transposição de alguns referenciais do campo da arte ao da pedagogia e vice-versa, para que fosse possível experimentar: a) a reflexão em arte e sobre arte e o papel desta na educação e na formação docente, realizado através de pesquisas de campo, conhecimento de teorias e autores da área; b) a Arte como *campo de conhecimento*, através da apreciação da arte e da cultura visual, através de análises de imagens, estudos e frequência a eventos de arte; c) o aumento das possibilidades de ampliação do espectro do conhecimento estético na vida, educando a sensibilidade, o que foi proposto na forma de Memoriais Sensíveis; e d) o conhecimento em e o contato com as *poéticas da Arte*

através das Oficinas de Criação Coletiva; e) a percepção do papel da emoção e do sentimento como dotados de uma cognição própria, distinta e complementar à racionalidade.

Um depoimento colhido da importância deste trabalho aparece aqui como:

De forma geral, posso dizer que amei, adorei as aulas, principalmente as oficinas, quando tivemos que colocar a mão na massa (literalmente), foi um prazer enorme, uma sensação muito boa. O convívio com as colegas, a sensação de produzir algo seu, uma criação tua, não tem preço. A lição maior que adquiri nas aulas, acredito que tenha sido a questão da criatividade, um obstáculo que pra mim era intransponível, pois achava que eu não tinha e além de tudo que não sabia desenhar. Posso até não saber desenhar como um cartunista ou outra pessoa especializada, mas tenho certeza que meu desenho é a minha forma de expressão, mesmo com contornos tortos ou “errados” eles são meus, foi eu que desenhei. Desde o início das aulas, comecei a desenhar muito mais, principalmente rostos de pessoas, era tão difícil pra mim antes, que havia desistido de tentar e agora tenho feito até de forma bastante recorrente. Acredito que eu tenha aprendido a dar mais valor àquilo que faço, não como perfeição de um desenho, mas como criação mesmo, acho que isso ficou bem internalizando, o fato de poder CRIAR. Os resultados são as minhas criações, as pinturas feitas em sala de aula, que não possuem quase nenhum estereótipo, são apenas traços; as massinhas mais coloridas, fato que também tinha dificuldade, pois achava que tudo precisava combinar e que eu não sabia fazer estas combinações; o boneco, inspirado na história da Eva Furnari, onde conta a história do coelho Felpe Filva e de sua namorada Charlô. Ter feito todos estes trabalhos foram bastante estimulantes pra mim, fica ao final do semestre o gostinho de quero mais, principalmente porque não teremos mais disciplinas que contemplem o ensino de artes e ao mesmo tempo a sensação de dever cumprido, as aprendizagens foram muitas e diversas!!! **Muito Obrigado pelo prazer que me proporcionastes e pelas ricas aulas!!!!** (G., 2010)

A investigação concluiu que a Educação Estética oferece, portanto, "oportunidades de criação, de expor-se a mudanças, experiência de estar-junto, retomar cargas simbólicas, arquetípicas, ritualísticas, míticas... *Iniciação profana*, e, portanto *pedagógica*, de poder lidar com o estranho, o imperfeito, o inconcluso, o ignorado" (MEIRA, 2010). De vivência de uma sensibilidade coletiva, uma *aisthesis* - um experimentar junto emoções para não só despertar e fortalecer o desejo de participação, mas incrementar a cooperação, a percepção de si e do grupo em termos de solidariedade, conhecimento e compreensão. Nesse sentido, operou *metamorfoses pedagógicas de gestão do cuidado* - da vida, para a vida e desde a vida. O cuidado, por si pedagógico, se desdobrou em ações que envolveram a sensibilidade e sua educação através da Arte no cotidiano dos alunos, *para além da sala de aula*. Proporcionou que seus corpos, *em relação*, secretassem um *imaginário específico*, um *cimento essencial* de natureza *estética*, diz Maffesoli

(2001). Saíram da aula para a vida, replicando as situações que haviam vivenciado em outros espaços, como a escola e suas famílias.

Maturana (1999, p.183) alega que interagimos a partir de um objetivo estético, que determina o fenômeno da socialização e cede lugar a interações recorrentes, que chama de *amor*. Este cria a *coexistência* com outros sistemas vivos, é um encaixe dinâmico, recíproco e espontâneo que permite a socialização, que “dura somente enquanto o amor persistir” (1999, p.184-5): “o que é especialmente humano no amor não é o amor”, mas o que fazemos nele enquanto humanos.

Talvez o maior, mais urgente, mais espantoso e mais difícil desafio com que se depara a humanidade atualmente é o de criar o entendimento que possibilite a *convivência humana*, alerta Maturana (1992). Meira (2010) arrisca que, seja pela ciência, arte ou outra via, este desafio deveria se estender à formação de pessoa. Maturana (ib.) lembra que não podemos negar o emocional para fundamentar o racional, pois, se isso ocorre, nos desumanizamos, perdemos o olhar que permite ver a harmonia de nosso mundo natural. Ficamos incapazes de conceber a poética do mundo natural, a biosfera em sua harmonia histórica fundamental.

CAPITULO IV: O PROCESSO DE PESQUISA

5.1. A Investigação

O estudo aqui descrito apresenta uma investigação da situação do ensino de Arte e da Educação Estética junto a professores pedagogos em suas realidades concretas, cotidianas, de sala de aula.

A investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, realizada através de um levantamento diagnóstico em dez escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual da cidade de Pelotas, RS. Estas foram escolhidas por conveniência entre escolas urbanas, centrais e de periferia, durante o segundo semestre de 2012. Intentou verificar como os pedagogos trabalham com o campo da Arte, e também as necessidades dos entrevistados em relação a sua qualificação, a Formação Continuada. Foi investigado ainda sua formação, tempo de docência, de que maneira ele utiliza (ou não), as metodologias da Arte, e que conteúdos, avaliação e suportes teóricos sustentam suas práticas, além do que a Arte significa na educação.

Os instrumentos de investigação utilizados na pesquisa foram questionários que contaram com perguntas simples, que versaram sobre os elementos acima e sobre a existência da arte em suas formações docentes, suas experiências prévias com arte, seus tempos de atuação, a atualização necessária segundo suas visões e as expectativas e carências em relação à capacitação que tiveram no ensino de Magistério, em nível de Ensino Médio, ou na licenciatura. Dos dez questionários enviados, apenas sete retornaram, que irão servir de base para este estudo inicial. Seus dados foram tabulados e analisados qualitativamente, conforme as respostas.

Num primeiro bloco, foram investigadas a carga horária, tempo de docência, anos em que lecionam e formação na área. No quesito “formação” foi questionado sobre as experiências que tiveram (ou não), com Arte, e sua suficiência, quais conhecimentos seriam interessantes nessa área para qualificar seu trabalho.

Num segundo bloco de informações, foi solicitado que avaliassem a situação das possibilidades de trabalho com Arte em relação a: processos pedagógicos o que a arte representa na educação e na vida, sua relevância social, conhecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais/arte, localização das principais necessidades materiais e de atualização.

Após o retorno dos questionários os dados foram compilados e analisados de modo a identificar nos resultados, as problemáticas e os facilitadores na utilização da Arte para a educação, ou seja, com esses dados, foi possível reconhecer algumas dificuldades encontradas pelos docentes no emprego da Arte, como por exemplo: quem fornece os materiais utilizados em sala de aula, se este é de responsabilidade do governo ou de cada aluno; formação ou não de arte, contatos com processos estéticos, atualização, concepção de Arte.

Por entender que os dados obtidos através dos questionários ainda eram insuficientes, decidi acrescentar a estes mais duas entrevistas. Para tal, selecionei aleatoriamente duas professoras, ambas formadas em Pedagogia, para saber sobre suas experiências com arte em suas formações, com base em perguntas previamente elaboradas que caracterizaram uma entrevista semi-aberta. Uma das professoras entrevistadas, chamada de **A**, licenciou-se em Pedagogia, em 2012, pela Universidade Federal do Rio Grande do SUI, UFRGS, e leciona em uma escola estadual de Ensino Fundamental, no primeiro ano, com uma carga horária de 20 h semanais. A entrevistada B, licenciada em Pedagogia em 2011 pela UFPel, trabalha em uma escola estadual situada no Bairro Porto, também em Pelotas, com o quarto ano, e sua carga horária é de 20h.

5.3. Discussão dos resultados

Analisando os dados dos sete questionários tabulados, observa-se que 40% da amostra de professores possui uma carga horária de 40 h/a, 20 % de 33 h/a e outros 40 % de 20 h/a. Portanto, a partir do que analisaremos adiante, a carga horária não parece ter influência no trabalho com arte.

Quanto ao **tempo de docência**, todos os entrevistados, exceto um, que não informou, possuem distâncias bastante grandes, de cerca de dez anos entre cada uma, o que nos permite inferir que a formação, durante este tempo deve ter mudado bastante. No entanto, quando perguntados sobre suas **formações** em arte, responderam que esta é relativamente semelhante, oscilando entre as linguagens da arte.

Observou-se em relação à resposta "nenhuma formação" duas respostas. A primeira foi dada pela investigada **D**, cursando Pedagogia, com dois anos em carreira e afirma que teve artes no curso de Magistério, portanto, conhece algo do

tema. A segunda, a entrevistada **F**, está na docência há apenas um ano. Destas duas respostas, podemos nos questionar que: a) Ou não tiveram sua formação realizada na UFPel, ou ainda não cursaram a disciplina de Práticas VI / Arte. Percebi, ao analisar estes dados, que deveria ter questionado o ano de formação no terceiro grau, e não apenas quando o trabalho de docência foi começado, assim como ter requerido informações acerca da universidade onde foi feita a formação **(Tabela 1)**. O questionário aplicado à escola **E** não informou o tempo de docência, mas a entrevistada é formada em Pedagogia e informou ter tido apenas experiências com Dança e Coreografias em sua formação inicial. A professora **G**, que relatou ter tido "quase nenhuma formação", possui 30 anos de docência, o que dificulta o entendimento de que tipo de contato teve com a arte, pois nos faltam dados para saber que tipo de experiências com artes eram proporcionadas nesta época na Pedagogia. As entrevistadas A, B e C tiveram experimentações com artes em sua formação inicial, de forma semelhante, as duas últimas nas três áreas e a primeira somente em Música e Artes Visuais.

Apenas duas das questionadas afirmaram ter tido Artes Visuais em sua formação. Uma delas, que possui trinta anos de docência, deixa em aberto seu contato com as Artes Visuais, e não podemos inferir suas experiências, já que relata não ter cursado Magistério e não informa o Ano de conclusão de seu curso.

Três das questionadas afirmaram ter tido experiências com outras artes como Música, Dança, Teatro, e realizam atividades com as três áreas. **QD, QG e QF** afirmaram não ter tido nenhuma formação em arte, mas a trabalham, ou como conhecimento, expressão livre, com a comunidade e Metodologia Triangular¹⁶.

Causou estranhamento o fato da professora **D**, que alega não possuir formação, saiba trabalhar com a Arte como Conhecimento, e com a Metodologia Triangular, que é bem específica das artes, e com uma gama bem diversa de conteúdos. De onde viria à propriedade para trabalhar com arte sem formação?

Este não parece ser o caso da professora **A**, que teve formação em Música e Artes Visuais e trabalha apenas com estas, e não com o que não possui em sua formação, ou seja, Dança e Teatro. Já que teve formação em Artes Visuais e Música, utiliza-se de metodologias diversas como Leitura de Imagens, Pintura,

¹⁶ Refere-se a uma metodologia em voga nos anos 90, apoiada na complementaridade de três ações: *produção, leitura e contextualização* da obra de arte.

Desenho livre, Montagens, Modelagem, Histórias em quadrinhos, Recorte e colagem, Comunicação visual, Vídeo, Cinema e também com Música.

A professora **B**, formada em Pedagogia, Comunicação e Letras, por sua vez, teve experiências com todas as linguagens, embora não trabalhe com Música, optando pelo Teatro e pelas Artes Visuais. O faz também de forma diversificada, utilizando-se de metodologias e conteúdos diversos.

Outra entrevistada, aqui chamada de **C**., formou-se em Pedagogia em 2012, e leciona 20 h semanais no primeiro ano de uma escola estadual de Ensino Fundamental, quando respondeu o questionário, possuía apenas um mês de tempo de docência, e também de formada, que comunicou extra-oficialmente. Perguntada sobre que tipos de experiências com arte (Artes Visuais, Teatro, Dança ou Música) teve em sua formação, afirmou que teve contato com a Arte apenas no terceiro grau, nas três áreas, Teatro, Artes Visuais e Música onde pode "vivenciar várias situações envolvendo as artes na disciplina que cursei na universidade", pois "não sou formada em Magistério". Inquirida se estas foram positivas, justificou que "Sim, pois além de me ajudarem em minha prática docente, essas experiências serviram como uma forma de me conhecer e de me expressar". Para esta ex- aluna em particular, que realizou as duas disciplinas de arte na pedagogia, em sua formação, "as oficinas nos faziam bem, podíamos nos expressar, criar, conhecer". As Oficinas a que se refere a entrevistas são as nomeadas na investigação relatada no início deste trabalho.

Podemos notar que sua formação aparenta ter sido bastante completa, já que aplica com seus alunos expressão livre, experiências diretas, a Metodologia Triangular, a leitura de Imagens, a arte como conhecimento e faz a relação com a comunidade, acrescentando que nos conteúdos que trabalha ainda realiza a produção de materiais e tintas, que trabalha bastante, ainda com "diferentes tipos de pinceis (Folha, galho, dedo)". Só deixou de fora a "cópia". Quanto aos materiais para trabalhar, afirma que sua carência não prejudica o andamento de suas aulas porque "os alunos trazem os materiais pra aula". Mas crê que o material é importante, o que de alguma maneira revela a importância que a arte adquire para ela, já que recorda que, em seu Estágio de Docência no Curso de Pedagogia em outra escola, "muitos alunos carentes não possuíam material para as aulas de artes, e a escola não tinha muitos recursos, isso prejudicava os alunos" Então "comprávamos os materiais, ou trazíamos de casa". No item conteúdos trabalhados com os alunos, esta professora

afirmou que passam por uma gama variada de materiais, indo desde Leitura de Imagens, técnicas plásticas, Pintura, desenho livre, passando pela dança, técnicas de desenho, montagens, modelagem, recorte e colagem, Escultura, Comunicação Visual, cinema, vídeo, obras da *Internet*, Teatro e Música. Das alternativas que havia para marcar, ficaram de fora o teatro, as Histórias em Quadrinhos e os desenhos mimeografados. Quanto ao Teatro e às HQ, a ausência pode ser atribuída ao fato de que está há apenas um mês na escola. Utiliza-se de auto-avaliação e trabalhos práticos para avaliar seus alunos, sendo a única das entrevistadas a utilizar-se do estabelecimento de critérios, denotando que entende que a arte tem suas especificidades como qualquer outra disciplina. No item subjetivo "Como você vê a participação dos alunos nas aulas de Arte?", respondeu que "Todos gostam muito de trabalhos de arte, é a melhor parte da aula". Na resposta à pergunta "Que relevância social, na escola, na comunidade ou na vida você imagina que a arte possua?", a resposta desta mesma professora foi que "A arte faz com que os alunos se soltem na sala de aula, ela contagia, auxilia com que eles se soltem, ajuda a desenvolver atividades no seu dia-a-dia". A Arte "é importante não só na escola, mas para vida em geral", para o convívio "com as diversidades culturais, e que pode proporcionar um grande conhecimento cultural". Quanto ao conhecimento dos parâmetros Curriculares nacionais/Arte, sublinha que estes "de alguma forma o auxiliam em suas aulas", a tal ponto que "não estou usando como parâmetro a ementa de primeiro ano entregue pela escola", e sim os PCN.

Esta educadora pesquisada recebeu a mesma formação que recebi na Pedagogia, e, como era de se esperar, excluiu os desenhos mimeografados, pois foi trabalhado exaustivamente em aula o efeito nocivo que os estereótipos e modelos prontos causam à expressão infantil, e havia uma recomendação expressa, por parte da professora da não utilização de modelos mimeografados para colorir, ou exercícios repetitivos de unir patinhos com lagoas. Deve ser por isto que afirmou na pergunta seguinte, "como você vê a participação dos alunos?" que "todos gostam muito de trabalhos que envolvam técnicas plásticas, é a parte da aula que eles mais ficam felizes, loucos para trabalhar".

Curiosamente, à exceção de **C**, analisando de uma forma geral os dados das demais respostas sobre a formação recebida com as metodologias utilizadas, percebi, com surpresa, que o fato de ter recebido Artes na formação parece não ser determinante na escolha de metodologias mais atuais ou criadoras, embora não se

tenha como medir a forma com que cada professor realiza estas atividades, que bem podem ser feitas a partir de um critério reprodutivista e não criador. Entretanto, algumas hipóteses sobre as Metodologias utilizadas, colhidas a partir das afirmações, podem ser esclarecedoras. A entrevistada **A**, por exemplo, afirmou realizar um trabalho de Expressão Livre, que bem pode ter confundido com a Livre Expressão, muito utilizada nos anos sessenta e setenta. Isso pode ser observado pelo fato de que ela não assinalou a metodologia que entende que a arte é conhecimento. Outra metodologia em desuso, e prejudicial, a *cópia*, também não recebeu nenhuma resposta, e a experiência direta, que é fundamental ao processo de ensino de arte, obteve uma resposta inexpressiva em relação a outras, como a de Leitura de Imagens. Um número expressivo afirmou relacionar-se com a comunidade, através da visita a locais, pessoas que participam de atividades na escola etc.

Analisando de um modo geral os dados relativos à formação, me deparei com algumas dúvidas, as quais nem todas poderão ser respondidas, ficando a futuras pesquisas. As indagações são: porque será que, mesmo com tanta distância entre as formações, parece não haver tanta diferença assim entre elas? Será que a formação nas agências formadoras não mudou tanto, ou estas professoras recebem formações através da rede de ensino? As que não têm formação e trabalham com arte, será que o fazem por não compreender de fato o papel da arte na educação ou porque fazem atividades que "consideram" arte? Ou será que, porque de alguma maneira, em suas formações ao longo de suas vidas receberam algum tipo de formação em arte, e acabam "relembrando-as"?

Nas respostas dadas pelos profissionais entrevistados, pude perceber, num primeiro momento, que eles, com exceção da escola das professoras **A** e **D**, nunca haviam tido preparação, na sua formação, para ensinar arte, muito embora todos tenham de trabalhar com essa disciplina nas escolas em que atuam.

A outra professora, denominada como **A**, deixou um rastro de dúvida, digamos, incerteza no que apresentou no questionário. Foi observado que, ao mesmo tempo em que ela diz ter recebido preparação para ensinar Arte, os métodos de avaliação dessa escola se mostraram, de certa forma, incoerentes com a liberdade de expressão manifestada por ela no decorrer do questionário.

Na verdade, percebe-se existir uma diferença grande entre o ideal e o real. O fato é que alguns pedagogos parecem ter interesse em realizar atividades

construtivas ou, ao menos, entendem que trabalhar desse ou daquele modo, em se tratando de Arte, seria o melhor jeito de conduzir as suas aulas. No entanto, esse senso comum, ou forma de trabalhar no politicamente correto, se desfaz na medida em que as perguntas de um questionário, que busca entender o modo como esse processo se dá, nas escolas, demonstra incompatibilidade, inclusive de uma questão para outra.

Analisar as respostas obtidas através do questionário em questão tornou possível perceber que há um desacordo observado no momento em que a escola **A** e, particularmente, todas as outras entrevistadas, marcam uma série de conteúdos trabalhados em aula quando, contraditoriamente, há algumas questões anteriores, pareciam querer deixar claro o fato de nunca terem estudado arte em sua formação ou visto, muito superficialmente, o conteúdo.

Todas as escolas entrevistadas apontaram como sugestão para melhor qualificar sua didática, que gostariam de ser mais bem preparadas para ensinar Arte, seja através de oficinas ou palestras que auxiliem na busca de atividades coerentes com o espaço e a necessidade do local em que se encontram e, principalmente, que ofereçam possibilidades e novas ideias para trabalhar com o material existente na escola e poder reutilizá-lo. Essa particularidade do material costuma ser muito recorrente no dia-a-dia do professor. Isso é verificado nas declarações obtidas no questionário e fica ainda mais evidente no momento em que a escola **D** relata que a falta de material: “prejudica, pois temos que adiar a aula para outra oportunidade, o que pode acabar não acontecendo, devido à falta de tempo”.

A questão sobre fornecimento de materiais demonstra uma situação razoável com relação ao trabalho com arte, visto que, quatro professoras dizem que quase sempre recebem materiais. Uma delas diz sempre receber e, somente duas, dizem raramente receberem. Nesse caso, podemos indagar: Se todas as entrevistadas trabalham na mesma rede de ensino, por que vivenciam situações diferentes? Será que o problema está na instituição?

Sobre o prejuízo das aulas pela falta de materiais, respondeu que a escola sempre oferece o que é possível, mas quando não acontece o aluno deixa de desenvolver vários trabalhos e habilidades pela falta desses materiais. Algumas professoras disseram trazer de suas casas. Segundo as entrevistadas, a escola oferece o material mais comum como: EVA, tinta, pincel, cola, tesoura, papel pardo

e folhas de ofício. Quando não há material às professoras responderam que utilizam o material que tiver em aula, material reciclado, ou substituem por outra atividade.

Como se pode visualizar na **Tabela número 3**, relativa às avaliações, um número expressivo de minha amostragem realiza trabalhos práticos, e somente uma prova escrita, contra duas com consulta. Cinco delas, 80% utilizam-se de auto-avaliação, uma prática considerada muito importante para despertar a consciência dos alunos.

Do total de questionários aplicados, apenas um professor apela para a testagem tradicional através de prova escrita, e somente dois para prova com consulta. Todos os demais, que representam setenta por cento das respostas, afirmaram avaliar através de trabalhos práticos, embora não tenham mencionado que critérios utilizam para avaliá-los. Surpreendentemente, a professora **B**, que circula relativamente bem entre os conteúdos e a metodologia, não utiliza-se da auto-avaliação, optando apenas pelo desenvolvimento de trabalhos práticos, o que talvez revele que esta não passou pela disciplina de Artes na Pedagogia, onde a auto-avaliação é bastante trabalhada.

Somente uma entrevistada comentou que a comunidade não valoriza as expressões artísticas, todavia sem posicionar-se a respeito. As demais não fizeram nenhuma colocação nesse sentido.

Outra das respostas, do entrevistado C, foi um pouco mais aproximada de minha visão de arte, mas ainda não a vê como uma área de conhecimento:

A arte é expressão de uma época de um estilo, de sentimento do autor, é importante, pois através dela podemos nos expressar “livremente” e criar, desenvolver potencialidades que temos e nem sabemos, também possibilita que o aluno possa mostrar habilidades que no cotidiano não é possível e maior interesse nas aulas em geral.

Aqui percebemos que a arte é parcialmente vista como suporte de outros elementos, não como dotada de importância própria.

Outra resposta do entrevistado E foi que “a arte “aflora” a criatividade e a segurança do aluno, fazendo com que descubra sua imaginação e seus ideais”. Esta é uma visão romântica de arte, embora admita que a criação é importante.

Em relação à pergunta sobre o conhecimento dos parâmetros Curriculares nacionais/Arte e de que forma estes as auxiliam em suas aulas, a maioria afirmou que deles tem conhecimento e que os mesmos podem ser utilizados como eixo

norteador dos trabalhos em sala de aula, sempre levando em conta a realidade de cada aluno e sua cultura local e regional. Todavia, cruzando os dados, não é o que observei nas respostas relativas aos itens anteriores, pois as concepções de arte, de avaliação, conteúdos e metodologias explicitadas estão bastante em desacordo com os PCN / Arte.

Sobre suas principais necessidades enquanto professor seja de atualização, cursos, palestras etc, apontaram diversas sugestões, entre elas que: gostariam de participar de oficinas de Arte, com práticas possíveis, cursos ou palestras sobre desenho, dança teatro, dobraduras e fantoches. Nota-se que os professores desejam atualizar-se, o que reitera suas percepções acerca da importância da arte na educação, embora não tenham conseguido localizá-la de forma mais abrangente. Ainda podemos vislumbrar que estes parecer carecer de atividades práticas, crendo que estas enriquecem seus afazeres, quando, todavia a forma de encaminhar as atividades, ou seja, a metodologia e a intencionalidade, que são os objetivos, é que as torna relevantes, interessantes e criadoras.

Solicitaram abertamente, por fim, mais atualizações na área de Artes, porque entendem que esta possibilita utilizar novas "técnicas", confundidas com "novos materiais", e não metodologias ou aquisição de saberes, para trabalhar com os alunos. Entre elas, sugeriram *técnicas* com materiais "fáceis de utilizar", para que possam trabalhar "com que têm em casa". Duas assertivas se podem inferir aqui: uma delas se refere ao fato de que talvez o material a ser trabalhado em artes ser caro, embora a maioria, 60 % tenha afirmado que a escola os fornece, "quase sempre", contra apenas uma que afirmou ter problemas com materiais, que "raramente" a escola os fornece. Uma das respostas assinalou sempre ter materiais à disposição. Outra assertiva me induz a novamente questionar se o fato de querer trabalhar com materiais "baratos", ou "caseiros" não revela, de forma sutil, que a arte é pouco importante a ponto de não "merecer" materiais melhores.

De uma maneira geral, os professores se mostraram receptivos com relação à atualização, e aceitam que possuem necessidades. Todos entendem que o fazer em arte é importante, pois a maioria deseja atividades práticas. Localizaram suas principais necessidades enquanto professor enunciando o desejo por mais capacitação e qualificação de suas práticas.

Quanto às sugestões de Formação Continuada, a totalidade pontuou que poderia ter aulas expositivas, palestras, materiais pedagógicos, professores

especializados em Educação Artística e Educação Física. Percebe-se através destas afirmações o interesse na formação, que se confirma quando perguntados sobre que possibilidades indicariam para melhorar seu trabalho e se teriam tempo disponível para tal. As réplicas da maioria dirigiram-se a afirmações de que teriam tempo disponível no turno da noite, ou dentro do período destinado à formação de professores pelas instituições a que pertencem às escolas. Apenas uma reiterou não ter disponibilidade no momento.

Como forma de melhoria do trabalho que realizam, apontaram como sugestão oficinas práticas de confecção de materiais para serem utilizadas com os alunos. Uma delas, a entrevistada **C** parece entender que a arte é construtora de saberes, pois afirmou que seria interessante "aliar um pouco as teorias para não ficar vazio e sem sentido". Outras sugeriram "cursos rápidos" uma vez no mês, ou ainda Cursos de Especialização em Artes Visuais e Educação Física, "para trabalharmos em aula, que não temos qualificação para tal". Percebe-se aqui o papel da universidade na qualificação dos professores, uma vez que a mesma possui cursos de aperfeiçoamento e especialização na área, e promove eventos específicos de arte para elas. Todavia, este parece ser um ponto bastante complexo, pois dos seminários¹⁷ específicos da área de artes, realizados pelo Centro de Arte e pela FaE nos últimos quatro anos, praticamente nenhum professor das redes públicas participou, alegando não ter recebido liberação da coordenação, ou, os que o conseguiam, ter que recuperar suas aulas ao voltar, sobrecarregando suas cargas horárias. Percebe-se que os gestores públicos não têm interesse, de fato, na qualificação de seus professores, tarefa que acaba ficando centrada na universidade, segundo suas visões.

De uma maneira geral, observou-se que quase todas as escolas entendem que a disciplina de arte é importante, pois exercita no aluno a capacidade criadora, sua imaginação, desenvolvendo suas potencialidades e proporcionando com que se saiba mais a respeito da expressão cultural e social de uma época, do estilo e do sentimento de cada autor, além de e entrar em contato com a diversidade de culturas existentes, como referiram-se a escola **B**, **C**, **E** e **F**. Como explicar então

¹⁷Em 2010, o I Seminário de Arte, Educação e Práticas Pedagógicas; Em 2011, o II Seminário de Ensino de Arte: Ensinar e Pesquisar; em 2012, o I Seminário Internacional Cultura Visual, Escola e Cotidiano, e em 2013, o Seminário de Arte-Educação: memórias e perspectivas contemporâneas, em parceria com os IF-RS de Bagé e Pelotas, coordenados pela professoras Ursula Rosa da Silva, Mirela Ribeiro Meira, Nádia Senna e Sandra Vieira.

que a arte tenha na sociedade em geral e em muitas agências formadoras um papel secundário, sendo considerada tão importante na escola a ponto de todas quererem, de uma forma ou de outra, trabalhar com ela?

Em se tratando da relevância social da arte, no julgamento da escola **D** e **G**, observa-se uma disparidade em relação às escolas anteriores já citadas. Segundo a escola **G**, incisiva em sua declaração que sua comunidade não dá muito valor as expressões artísticas difere de **C**, para quem utilizar a arte como parte de suas atividades é essencial, pelo fato de o aluno não poder exercitar essa habilidade no dia-a-dia. Em contrapartida, a escola **A** percebe que a arte se torna necessária justamente por fazer parte de tudo, da vida. De certo modo, isso não deixa de ser verdade, pois, ao ligar o aparelho televisor, folhar as pagina de uma revista, jornal, “navegar” na internet ou andar pela rua, constantemente o cidadão é seduzido por uma série de imagens que carregam consigo não somente a promessa de felicidade, mas, principalmente, como base desse processo, os fundamentos de uma linguagem visual. São as Artes Visuais e seus atributos com os quais o comunicador, o publicitário, provido das técnicas específicas e conhecedor do poder existente na arte, se apropria ao passar sua mensagem.

Dando sequência na pesquisa, outras duas professoras foram entrevistadas. O questionário utilizado continha, basicamente, as mesmas perguntas feitas para os entrevistados anteriores, no entanto, diferenciaram-se por terem sido gravadas.

Estar frente a frente com o entrevistado produz, quase sempre, percepções muito maiores e, por vezes, sugestivas, do ambiente ao qual ele se encontra. Traduzem paralelos entre o imaginário, o ideal e a prática docente, que revela, através dos gestos, olhares, da respiração e do silêncio, que pode dizer ainda mais do que as palavras, o modo como esse profissional configura-se e posiciona-se, diante das incertezas, dos desafios e descaminhos pertinentes ao ensino da Arte.

Estas duas professoras são da rede pública estadual da cidade de Pelotas, e uma delas, que chamarei de entrevistada B, trabalha em uma escola de ensino fundamental de um bairro populoso de Pelotas, onde leciona uma turma do 3º ano, com uma carga horária de 20h; as outras 20h, cumpre no ensino público municipal, onde atende uma 2ª série. Seu tempo de docência, em ambas, é de seis meses. Sua formação é na Área da Pedagogia, tendo recebido a formação em Artes descrita neste trabalho.

Quando perguntada sobre se teve algum contato com arte em sua formação, respondeu que sim, pois, ao fazer Pedagogia na UFPEL, “[obteve] algum contato com [a arte em] uma matéria obrigatória, uma disciplina obrigatória com a professora Mirela, de Artes, e tive uma optativa também com ela, que eram Oficinas de Artes.” No entanto, considera que estas não foram suficientes, pois não se sente preparada para trabalhar com os conteúdos que a escola exige dela, pois não os recebeu nem mesmo no antigo *segundo grau*:

Sinceramente acho que não, ta, porque que eu acho que não, porque tem muita coisa do meu conteúdo programático pra artes, conteúdo programático do estado. Quer dizer, os conteúdos que são programados para que eu dê para pro meu terceiro ano, que eu não me sinto embasada pra dar, por exemplo, eu tenho que dar história da arte, ta no meu currículo, pra terceiro ano, história da arte, eu nunca tive história da arte, nem no ensino médio, nem na graduação, então assim claro que eu tenho como correr atrás como pesquisa, mas eu não tive um preparo formal pra isso, então eu acho que não foi suficiente (A., 2013)

Uma ressalva deve ser feita no tocante às afirmações desta professora, uma vez que os conteúdos que necessita trabalhar são de competência do arte-educador, que teve cinco anos de sua formação para tal. Os gestores parecem desconhecer que na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 9.394/96¹⁸, há a obrigatoriedade de ensino de artes em todos os níveis, como expresso no artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Como já apresentado antes, a disciplina da arte na Pedagogia não trabalha com os conhecimentos específicos da arte, mas com o desenvolvimento de uma postura criadora e de desestereotipização do que é considerado como arte, mas é impossível trabalhar, por exemplo, toda a história da arte em uma aula. Estes conteúdos - dos quais muitos devem ser atribuídos ao arte-educador- devem ser ampliados fora dali, porque as indicações neste sentido foram feitas. As opções feitas foram no sentido de despertar a criação dentro de si, de ter contato com as linguagens que a criança deve utilizar. É preciso que as escolas coloquem um professor especializado em Artes nos anos iniciais, tirando este peso do pedagogo.

¹⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 20.08.2013.

A entrevistada **B** possui dez anos de docência, e sua formação foi realizada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Rs. Trabalha em uma escola estadual situada no bairro Porto, também em Pelotas, com carga horária de 20h, atualmente com o quarto ano, embora tenha, por cinco, anos realizado atividades com a segunda série. Quando perguntada se teve algum contato com arte em sua formação respondeu que sim, na sua infância na escola, quando foi convidada pela professora das séries iniciais para fazer uma peça de teatro, danças e apresentações na infância dela, ou quando estava cursando pedagogia na ufrgs? aqui não fica claro, vê lá e arruma.

[...] e ali já tive a manifestação da arte, e como eu fiz Pedagogia na UFRGS, que eu sou de Porto Alegre, a gente teve um semestre de Artes Visuais com a professora Analice Dutra, tivemos música com uma professora chamada Leda Maffiolety, e tivemos aula de teatro com a professora Vera Bertoni, tudo separado assim né, durante um semestre, isso me ajudou bastante, só que, anterior a isso, na faculdade, eu tive um grupo de teatro, que eu fiz teatro de rua, que eu fiquei cinco anos fazendo teatro de rua, então eu fiquei muito tempo, bebendo dessa fonte assim né, pratica né... (B, 2013)

Percebe-se que as duas entrevistadas tiveram diferentes contatos com a arte, a entrevistada A com o mínimo de conhecimento, e a entrevistada B teve um contato razoável. No entanto, segundo meu entendimento, faz-se necessário a reavaliação dos currículos nas universidades, para a formação do pedagogo no que se refere ao ensino das Artes Visuais, Música, Teatro e Dança de forma separada, com uma disciplina para cada um, visto que, a meu ver está faltando melhor embasamento para suas práticas, pela escassez do tempo.

Na sequência das entrevistas, foi perguntado as entrevistada A e B sobre a importância da arte no Curso de Pedagogia, a primeira respondeu que:

...Sem dúvida é importante, porque a arte faz parte do currículo das series iniciais, hoje no município a gente tem professor de área, professor específico para artes, no Estado a gente não tem isso parece, que em tem como mudar, e eu nem sei se o ideal é mudar eu acho que o ideal seria, nos professores da Pedagogia poder dar, como podemos dar Matemática, como podemos dar História, Geografia, também poder dar Artes, e a Arte parte sinceramente, com a minha turma é a que eles mais gostam. No meu primeiro conselho de classe lá no Estado, que o aluno participou, o representante da turma participou a primeira coisa que ele me pediu foi que eu dessas mais aulas de artes, eu confesso, eu dou uma aula por semana de artes, mas eles pediram pra ter mais, porque ele tem bastante Português, ele tem bastante Matemática, e aulas de artes só tem uma, e eu

acho que se eu fosse mais embasada, se eu tivesse mais suporte, eu acho que eu daria melhor essas aulas para eles (A.,2013)

A segunda disse que:

Acho importante, porque eu considero também como uma área de conhecimento, as artes, eu acho que todo professor, todo pedagogo né, se propõe, todo professor que se propõe a lidar com pessoas, com esse lado mais humano, ele teria que ter acesso à arte. A arte pra mim é uma das formas, que quando a gente não consegue falar com palavras ela nos representa, né. Então é fundamental porque ela sensibiliza, ela nos ajuda a compreender o mundo de outra forma, de outra linguagem. então acho que é fundamental para o futuro pedagogo (B.,2013)

Com base nas narrativas das entrevistadas entendo que tanto os professores pedagogos quanto os alunos, demonstram interesse pelas aulas de artes. Entretanto, para que o professor possa se tornar um agente capaz de transformar a visão de mundo de seus alunos é necessário que ele detenha saberes e conhecimentos específicos da disciplina que vai ministrar suficientes, para que a partir deles possa desenvolver discussões e reflexões pertinentes sobre a vida e o cotidiano dos alunos, junto às experiências práticas. No entanto, como uma disciplina em artes ao longo de cinco anos seria capaz de suprir uma carência que remonta talvez até ao Ensino Médio e quiçá até ao Fundamental?

Na terceira e ultima parte das entrevistas, as entrevistadas deixam claro o que representa para elas as Artes Visuais na Pedagogia e em si própria, a entrevistada **A** diz que:

Eu particularmente gosto da arte, então o que eu vou-te falar vai ser mais do meu ponto de vista, tanto como aluna,tanto quanto como professora. A arte mexe com o sensível da gente né?, mexe com imagem, com cores, com sensibilidade vão te dizer, a escola parece que ela incentiva, que ela valoriza mais a razão, então se tu sabes Português, tu sabes Matemática tu avanças um aluno, Artes, tanto faz, só que é isso que mexe com o aluno, isso é que desperta a sensibilidade, que toca o sentimento, eu acho que é isso, eu gosto das artes por isso, não só das Artes Visuais, mas da musica, do teatro, principalmente da musica, eu adoro! Mas o teatro, eu acho superimportante, acho que a gente deveria ter mais aulas, que deveria ter... Nas aulas de artes, por exemplo, uma semana uma aula de Artes Visuais, uma aula de teatro, uma aula de música, dividiu assim sabe, porque no Estado é assim tu tem uma aula de arte semanal, tu podes escolher a musica, em dar Artes Visuais, ou fazer uma peça de teatro com eles, né, mas a gente poderia trabalha os três de repente.(A.,2013)

A entrevistada **B** acha difícil definir a arte e explica:

Ah, como é que é? Pergunta difícil essa complexa! Arte para mim é vida, é mudança, é sentimento,é tudo que se move, é movimento, é muita coisa assim.... É complicado de se explicar, mas é uma coisa que me faz bem, isso simples, algo que me traz uma sensação, um sentimento de tranquilidade e prazer, isso me ajuda, é uma mistura de muita coisa, umas

coisas que vão sempre pro lado do bom assim, boas coisas, para mim a arte assim, é olhar, é corpo, é tudo.

No curso de formação específica em Artes Visuais, como no de formação em Pedagogia é importante que os futuros professores vivenciem experiências significativas com Artes Visuais.

Num mundo cada dia mais imagético e dotado de significados, expostos ou subentendidos, é necessário que o pedagogo, o professor, conheça e transite bem entre os códigos, conheça suas técnicas de trabalho e os entrelace ao potencial criador existente em cada ser humano, para que haja interação e produção de cultura. Foi observado, nas entrevistas realizadas, em níveis distintos, o resultado da carência de recursos pedagógicos e materiais, em se tratando de arte. *Recursos* esses que não dizem respeito somente à falta de materiais, mas também ao conhecimento bastante restrito desse campo de conhecimento, defasado em suas trajetórias estudantis.

De maneiras distintas e em instâncias diferentes, todos os entrevistados demonstraram sentir profundamente a carência de experiências em arte, além de estratégias e atividades que possibilitem, de fato, o enriquecimento pessoal que a esta proporciona. Sem estar munidos de soluções criativas, que favoreçam a imersão significativa desse professor e de seu aluno na descoberta das potencialidades do campo artístico, essa experiência não se dá de maneira eficaz. Marly Meira fala de como se processa a experiência em arte e da importância que isso acarreta na atividade artística:

O fazer, os saberes, os símbolos e a interação dos indivíduos é que produzem a cultura. As interações moldam a estrutura material e dão um sentido à história, aos acontecimentos, aos fatos, aos modos de viver e conviver. Mas elas dependem de saberes e modos de ver para que haja maior consciência sobre as experiências (...). Repensar o alcance e o significado da atividade artística e o campo epistemológico e relacional da estética implica considerar o que é necessário, para que a experiência estética seja, ao mesmo tempo, um fator de emoção, sentimento, e num nível mais complexo, reflexão, tanto sobre a arte, como sobre a vida (MEIRA, 1999, p. 128).

Sendo assim, é preciso adentrar pelos caminhos surpreendentes da arte e nas infinitas possibilidades que ela proporciona. Imergir na terra dos sentidos, da emoção, do afeto, do amor e da beleza, tão propagada pelos gregos antigos e que consistia no valor primordial de sua sociedade, sobretudo, pela atenção relegada à

arte. É dessa forma que libertam-se os mitos, surge o simbólico, o espírito criativo, a apreensão e a reflexão do mundo interior e exterior, atribuindo novas perspectivas ou soluções possíveis para habitar e, quem sabe, transformar a realidade lá fora, mesmo que a indústria cultural e a sociedade capitalista, diga o contrário.

Num contexto impregnado de valores que pretendem sujeitos práticos, técnicos, que atendam as exigências sempre urgentes do mercado, é o momento onde o pensamento estético se faz tão necessário, sobretudo, na escola. De acordo com Marli Meira:

No estético encontra-se a possibilidade de perceber e pensar sobre tudo aquilo que qualifica a experiência humana, porque essa qualificação é o resultado da integração de todas as capacidades humanas para dialogar com o meio (MEIRA, 1999, p. 133).

Trabalhar com arte, em especial, ensinar arte na escola consiste em uma atividade, um campo de trabalho que delega, ao professor, a possibilidade de conhecer melhor os seus alunos de um modo lúdico, num ambiente de criação, onde esse aluno pode expor suas ideias e formas de apreender e traduzir o mundo a sua volta com liberdade e criticidade. Característica essa, que considero de grande importância, juntamente com outras metodologias da educação para formar um cidadão consciente, crítico e atuante na sociedade em que vive. No entanto, antes mesmo de nos *empolgarmos* com as premissas de uma educação que atue satisfatoriamente para o crescimento e desenvolvimento psicossocial e cultural desse do estudante - e atingir a tão proclamada e idealizada função de facilitador, mediador de conhecimento, que se constituiu como tendência dos últimos anos no que diz respeito ao ensino e ao professor e no modo como conduz sua aula-, acredito ser de extrema necessidade que o pedagogo, ao trabalhar com os anos iniciais, na formação do indivíduo, tenha que possuir bem mais experiências em cada área de conhecimento. Ao falar de Arte, não poderia ser diferente. Abaixo, podemos analisar as tabelas, cujos dados demonstram o que está sendo abordado neste capítulo.

TABELA 1: FORMAÇÃO, ATUAÇÃO E CARGA HORÁRIA.

Legendas: (QE): Questionário aplicado nas Escolas A, B etc.; (SA): série e ano; (CH): Carga horária; (TD):Tempo de docência; (FI) Formação Inicial: (FAP)Formação em Artes na Pedagogia (MAT): Materiais. **Metodologias:** (EL) Expressão Livre; (C),Cópia; (ED) Experiências diretas; (AC),Arte como conhecimento; (MT),Metodologia triangular (leitura de imagens); (RC),Relação com a comunidade.

QE	SA	CH	TD anos	Formação Inicial	Form. Arte na Pedag.	Mat	Metodologias						
							E L	C	E D	A C	M T	R C	
QA(A)	3º	40h	30	Pedagogia Supervisão Escolar	Música Artes Visuais	S	x		x			x	x
QB(B)	4º	40h	12	Pedagogia Comunicação Letras	Música,Dança, Teatro	R				x		x	
QC(C)	1º	20h	1 mês	Pedagogia	Artes Visuais,Teatro, Música	QS	x		x	x		x	x

TABELA 2: ATIVIDADES E MATERIAIS DIDÁTICOS

Legendas: (LI): Leitura de imagens; (TP):Técnicas plásticas; (P): Pintura; (DL):Desenho livre; (D): Desenho (TD):Técnicas de desenho; (MT): Montagens; (MD):Modelagem; (HQ):História em quadrinhos; (RC):Recorte e colagem(T):Teatro; (E): Escultura; (CV):Comunicação visual; (V): Vídeo; (C):Cinema; (DM),Desenhos mimeografados; (OI),Obras da internet; (M): Música; (HA): História da arte.

	LI	T P	P	D L	D	T D	M T	M D	H Q	R C	T	E	C V	V	C	D M	O I	M	H A	Outro qual?
QA	x		x	x			x	x	x	x			x	x				x		Expressão corporal
QB			x	x			x		x	x	x			x					x	
QC	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x				x	x	
QD			x	x		x			x	x						x	x			
QE			x			x	x		x	x	x		x	x		x		x		Retroprojektor Lâminas)
QF	x		x	x		x		x		x										
QG				x					x	x	x							x		

TABELA 3: TIPOS DE AVALIAÇÃO EMPREGADOS

Legendas: (T):Testes; (PE): Prova Escrita; (PCC):Prova com consulta; (TP):Trabalhos Práticos; (AA): Auto-avaliação (EC): Estabelecimento de critérios; (OQ):Outro:qual?

	T	PE	PCC	TP	AA	EC	OQ?
QA		x	x	x	x		atividades diárias em sala de aula
QB				x			
QC				x	x	x	
QD				x			
QE			x	x	x		
QF				x	x		
QG				x	x		

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises das entrevistas realizadas no decorrer deste trabalho, tomando por base, como inicialmente exposto, inclusive minha experiência anterior como acadêmica do Curso de Pedagogia, cheguei à conclusão que o currículo de Pedagogia continua sendo insuficiente em se tratando dos conteúdos de Arte, pois, entre outros fatores, não há tempo para um aprofundamento maior das experiências, dificultando a reflexão sobre elas.

Os professores da área da Pedagogia, alguns formados recentemente, outros há mais tempo, alguns até meus contemporâneos de formação, permanecem insatisfeitos com sua graduação quando o assunto é Arte. As reivindicações de mais oficinas de Arte, cursos de formação e capacitação na área em horários que favoreçam o pouco tempo disponível desses professores atuantes no sistema de ensino ou mesmo e, principalmente, a necessidade que a haja mais disciplinas teórico-práticas de Arte no curso de Pedagogia, configura a opinião da maioria dos professores entrevistados.

Sou consciente de que este trabalho constitui-se em apenas um passo na contribuição de estudos na busca da formação de um aprendiz competente, capaz de transitar com êxito nesta sociedade repleta de diversidade cultural. Para quem não está inserido neste contexto social, ou desconhece a realidade e as dificuldades de trabalho que vivem estes professores, e ainda não imagina que uma criança não tenha contato com a Arte na escola ou para além dos seus muros, esta proposta pode parecer insignificante. No entanto, aprender Arte com o auxílio de um professor com uma formação potente em possibilidades é muito diferente de aprender palavras soltas, que não estejam inseridas em um contexto e por si só não carregam um significado.

A Arte traz consigo uma coerência, um sentido, o que implica dar um significado à sua aprendizagem. Ao incentivar a capacitação em Artes Visuais, Teatro, Música e Dança do pedagogo nas escolas, busquei sinalizar às professoras este fato, e assim, colaborar no processo de aprendizagem significativa destas crianças, pois tenho certeza que só desta maneira, dentro de um contexto, com sentido e significado, as crianças desenvolverão uma postura crítica, perante sua leitura de mundo.

Em nossa sociedade, onde a necessidade de produção a cada dia se torna maior e a mão de obra, por vezes, parece ser muito mais valorizada do que o sensível e as emoções, os sentimentos que nos fazem tão humanos estão sendo deixados de lado, secundarizados. Isto fica constatado se nos perguntarmos quantas das licenciaturas da UFPel e quiçá de outras universidades se preocupam com uma Educação Estética.

Reafirmo que está nas mãos do professor, entre outras coisas mediador do aprendizado, uma parcela da responsabilidade em preparar a pessoa no caminho de seu autoconhecimento, de sua preparação para um futuro cada vez mais incerto. Promover esse campo de possibilidades e atuar como uma ponte para o enriquecimento pessoal e social deste sujeito requer que este professor esteja devidamente qualificado, que seja sensível, disposto a entender, perceber, conhecer o seu aluno, a sua realidade, o seu contexto.

Ser professor e trabalhar com arte significa realizar atividades que saibam valer-se do sentimento estético, unir a teoria com a prática, apresentar o mundo da arte e perceber o significado que ele tem dentro da cultura, da política, do modo como as relações estão constituídas e os significados escondidos por trás de cada detalhe. É, acima de tudo, perceber-se não somente como espectador, mas saber que também é observado. Significa ter consciência de fazer parte de um todo, de ser reflexo de um meio mas também produtor dele, em um momento, uma determinada cultura e, a partir disso, tendo conhecido a si próprio e ao outro, estabelecer metas eficazes de socialização, de interação, não somente com a Arte, mas com outros campos do saber. Também é necessário que este professor seja capaz de pensar estratégias de aprendizagem que se configurem em metodologias que, de fato, produzam sentido na trajetória estudantil do estudante e, por conseguinte, a satisfação e a realização pessoal e profissional do pedagogo.

Encerro o presente relato de pesquisa afirmando que se nós, enquanto educadoras, se traçamos objetivos buscando atingir nossas metas, podemos também proporcionar aos nossos alunos um ensino de qualidade, capaz de formar cidadãos letrados sensivelmente, criadores e críticos perante o mundo. Ensino este mais integralizado, sensível e amoroso, não só crítico.

Reporto-me novamente, então, para a necessidade de uma educação solidária, que resgate e instaure o que temos de tão nosso, de tão vivo e essencial para a existência humana: nosso potencial criador, sensível, reflexivo. Que possa

transformar esta potência em *concretude* e nos alcance elementos para pensar e sentir quem somos, para compreendermos nosso lugar no mundo, o que queremos, onde pretendemos chegar, construindo caminhos ao andar.

A Arte trabalha justamente na movimentação dos processos de constituição de nossas identidades - e dos alunos com os quais iremos trabalhar- hoje fragmentárias, caleidoscópicas, instituídas através na transgressão, na falta de certezas, na perturbação e na desacomodação que a arte e seus processos instituem. Porque a Arte - e na educação ela não poderia ser diferente- trabalha na visibilidade de nossa condição humana, e visibiliza o que afirmava Paul Klee, pintor, artista: "A Arte não reproduz o visível, mas torna visível".

Criar visibilidade ao andar só se torna possível na medida em que formos, e prepararmos, *cidadãos* habitantes de um mundo cujo vitalismo aponte para diversidades culturais, para uma educação do sensível que promova encontros, convivência com o outro, respeito e reconhecimento de *identidades pessoais e planetárias* (MORIN, 2005). A arte na educação, na pedagogia, em todos os espaços, contribui para o cidadão consciente da necessidade de con-viver em sociedade, crítico, ativo, sensível e capaz de viver num mundo repleto de obstáculos e de *certezas nem tão certas assim*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CURTO, M. L. et al. **Escrever e Ler vol. 1 Como as crianças aprendem e como ensiná-las a escrever e ler**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DORNELES, Malvina do Amaral. **Disposições Ético-Estético-Afetivas e Desafios Teórico- Metodológicos na Pesquisa em Educação**. 26ª Reunião da ANPED. Caxambu: 2006. <http://www.anped.org.br/reunioes/26>.
- DUARTE-Jr. João Francisco. **Fundamentos estéticos da Educação**. S.P., Cortez, 1982.
- _____. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar Edições Ltda. 2001.
- _____. **A Montanha e o Videogame**. São Paulo: Papyrus, 2010.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- ECKERT, Eliane; GARCIA, Ângela M. F.; COSTA, Camila G.; MEIRA, Mirela R. O ensino das Artes na Formação Docente. **XX CIC UFPel. Anais**. Pelotas, 2011.
- FREIRE & PAPERT: Diálogos impertinentes: **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.
- GATTI, Bernardete Angelina. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose. O Novo Paradigma Estético** São Paulo: Ed.34, 1992.
- [HTTP://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). A
- LEMINSKI, Paulo. **Anseios Crípticos**. Curitiba: Ed. Criar, 2001.
- LOPONTE, Luciana. *Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação*. **Revista Brasileira de Educação. Revista Eletrônica**. vol.13, no.37. Rio de Janeiro: Jan./Apr. 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- _____. **O Eterno Instante**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. B. Horizonte: UFMG, 1998.
- _____. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MEIRA, Mirela. 2007. Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas Possibilidades em “Oficinas de Criação Coletiva”. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS.
- MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- MARTINS, Mirian; Picosque Guerra,.Didática do Ensino da Arte. A língua do mundo. S.Paulo:FID, 1998
- MARTINS, M.Celeste. MARTINS, M.Celeste. **Didática do Ensino da Arte. A Língua do Mundo: Poetizar, Fruir e Conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.
- _____. *Arte, só na sala de aula?*. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9516/6779>
- _____. *Entrevistas: a inquietude de professores-propositores.* In: **Educação.** Revista do Centro de Educação. Ed. N. 02, vol. 31, 2006. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2006/01/editorial.htm>
- MEIRA, Marly. Educação Estética, arte e cultura do cotidiano. _In: Pillar, Analice Dutra(Org.) **A Educação do Olhar.** Porto Alegre: Mediação, 1999.
- MEIRA, Mirela Ribeiro. **Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas possibilidades em Oficinas de Criação Coletiva.** 2007. 148 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MEIRA, Mirela. *Alfabetização Estética e Letramento Sensível na Formação Docente.*
- AGUIAR, Vera; CECCANTINI, João L.(Org.) **Teclas e Dígitos_ Leitura, Literatura e Mercado.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- MEC. Acervos Complementares. **As áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação, 2009.
- NICOLESCU, Basarab. “*Um Novo Tipo de Conhecimento – Transdisciplinaridade*”. Em NICOLESCU, Basarab et al. **Educação e Transdisciplinaridade.** Brasília: UNESCO, 2000
- NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente.** Lisboa: EDUCA, 2009.
- .ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem.** Porto Alegre: L&PM, 2009.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística.** R. Janeiro: Campus, 1990.
- _____. **Criatividade e Processos de Criação.** Rio de Janeiro:Imago, 1983.
- VÁZQUEZ, Adolfo. **Convite à Estética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- READ, Herbert. *Educação Através da Arte.*São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ZAMPERETTI, Maristani Polidori *Formação docente e autorreflexão: práticas pedagógicas coletivas de si na escola/ Maristani Polidori Zamperetti. – Pelotas, 2012. 148f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em educação. Universidade Federal de Pelotas.*

VÁZQUEZ, Adolfo. **Convite à Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

ANEXOS

1. Estrutura do curso de pedagogia da UFPEL

BLOCO TEMÁTICO ESCOLA, CULTURA E SOCIEDADE

	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
EMENTAS	I – Reflexão de caráter histórico e sociológico acerca das relações entre educação, cultura e sociedade, fornecendo instrumentos analíticos e desenvolvendo habilidades de pensamento e de leitura que possibilitem a compreensão do fenômeno educativo e da escolarização como práticas culturais e simbólicas que mantêm estreitas conexões com as sociedades em que se inserem.	II – Análise dos principais paradigmas históricos da educação, enfocando especialmente a emergência e o desenvolvimento do sistema escolar de massas e os pensadores clássicos da Pedagogia.	III – Estudo da profissão docente nos seus aspectos pedagógicos, políticos, históricos, antropológicos, culturais, econômicos e éticos. As diferentes abordagens teóricas que têm buscado compreender como vem se constituindo a profissão docente.	IV – Educação brasileira: colônia, império e república. Escola Nova – Democratização – Educação na ditadura militar.
	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre
EMENTAS	V – Direito à educação: acesso e permanência, luta pela escola pública e movimentos de educação popular. Organização do ensino e da escola: relações entre união, estado e municípios; financiamento; responsabilidades e regime de colaboração; níveis e modalidades de ensino; políticas públicas, programas e projetos; sistema educacional e conselhos de educação.	VI – Gestão escolar e políticas públicas: programas e projetos. Situação atual da escola pública, evasão e repetência.	VII – O currículo escolar, suas relações com a cultura e o poder nas teorias sociais contemporâneas. As diferentes abordagens da cultura e do currículo e suas relações na prática escolar. O campo das teorias curriculares contemporâneas, os conceitos básicos do discurso curricular e seu significado a partir das principais tendências dos estudos curriculares. A abrangência do conceito do currículo, da natureza dos conhecimentos escolares e sua relação com a cultura e a verdade, possibilitando uma discussão e análise dos currículos para os anos iniciais do E. F. em termos de sua organização e estruturação e da validade de suas finalidades e conteúdos de ensino.	VIII – Neste semestre os estudos levarão em consideração a EDUCAÇÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE S.

BLOCO TEMÁTICO ENSINO-APRENDIZAGEM, CONHECIMENTO E ESCOLARIZAÇÃO

	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
EMENTAS	I – Relações dos sujeitos com o conhecimento, sob o ponto de vista da Psicologia e da Filosofia, tentando discutir a realidade educacional atual. Grandes matrizes teóricas de referência.	II - Estudos a respeito do desenvolvimento humano, em sua interface com a educação, assim como dos processos sociais que ocorrem em sala de aula, sob o foco da psicologia.	III – Aquisição de linguagem oral e escrita. Estudo de aspectos lingüísticos relevantes para a alfabetização e para o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do EF. Aspectos relacionados à aprendizagem tendo como fio condutor a Psicologia.	IV – Constituições do sujeito que aprende o papel da aprendizagem da Matemática na escola. Fracasso/sucesso escolar e dificuldades de aprendizagem. Fatores intra e inter-escolares das práticas de exclusão.
	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre

EMENTAS	<p>V – História e Geografia enquanto campo de estudos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mudanças e permanências sociais, culturais, históricas e tecnológicas no espaço local, sob a perspectiva dos Estudos Sociais.</p>	<p>VI – Metodologia da Educação Física, articulada à Metodologia de Estudos Sociais. Discussão das questões ligadas à construção das noções de espacialidade, temporalidade e movimento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de princípios da História, da Geografia e da corporeidade. Conceitos básicos da área de Estudos Sociais para os anos iniciais do Ensino Fundamental: espaço, tempo e grupo.</p>	<p>VII – Organização do trabalho pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental: modelo disciplinar e modelo de ensino integrado (Centro de Interesse, Pedagogia de Projetos, Temas Geradores, Rede Temática, etc.). Avaliação, planejamento nos anos iniciais do Ensino Fundamental.</p>	<p>VIII – Os temas transversais (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual, etc.) como parte do cotidiano escolar e da vida dos alunos. Conteúdos programáticos das escolas e os temas transversais. Relação entre as linguagens artísticas e o cotidiano.</p>
----------------	---	--	--	---

BLOCO TEMÁTICO TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
EMENTAS	<p>I – Estudos iniciais na área de Linguagem que proporcionem a apropriação do código, bem como o seu uso aplicado. Leitura compreensiva e escrita autônoma.</p>	<p>II - Articulação de conhecimentos químicos, físicos e biológicos, vinculados ao ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental e ao processo de construção de conceitos pela criança. Desenvolvimento de competências e habilidades para conceber e construir projetos de ensino de Ciências no contexto do projeto político-pedagógico da escola.</p>	<p>III – Reconhecimento do corpo do ponto de vista das Ciências e Educação Física. A vida como articuladora das ciências e da educação física. O significado de um corpo saudável do ponto de vista das Ciências e da Educação Física.</p>	<p>IV – Estudo dos métodos e processos de alfabetização de crianças em idade escolar, bem como fenômenos impeditivos de alfabetização. Os métodos sintéticos e analíticos de ensino da leitura e da escrita, a concepção de alfabetização de Paulo Freire, o Construtivismo e o Letramento.</p>
	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre
EMENTAS	<p>V – Língua portuguesa no Ensino Fundamental e seus dialetos. Variantes padrão/não padrão. Estigmatizadas/de prestígio. Língua oral versus língua escrita. Variação lingüística. Produção e recepção da escrita.</p>	<p>VI – Bases teóricas do processo de ensino - aprendizagem da Matemática. A construção do número pela criança.</p>	<p>VII - Aborda os fundamentos da Educação Especial, analisando sua constituição como campo de saber sobre as alteridades deficientes. Problematisa os significados da normalidade e os discursos que produzem o “outro” e o “mesmo” na Educação. Analisa as recomendações e proposições da Política de Educação Inclusiva e suas implicações nas práticas educacionais nos espaços escolares.</p>	<p>VIII – Este bloco tem como centro a construção de um projeto de ensino a ser executado no estágio de responsabilidade do semestre posterior. Para isto serão realizadas observações orientadas junto à escola e turma de estágio, reflexões coletivas sobre as dinâmicas de sala de aula e as possibilidades pedagógicas para as séries iniciais, bem como atividades de apoio ao professor titular e exercício de gestão de classe com a participação do professor titular.</p>

BLOCO TEMÁTICO PRÁTICAS EDUCATIVAS

1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
-------------	-------------	-------------	-------------

EMENTAS	I – Narrativa escrita e reescrita da vivência escolar numa visão retrospectiva e prospectiva. Articulação e integração da trajetória educativa como princípio dinamizador da construção do conhecimento do profissional da educação.	II - Aquisição da linguagem oral, os universais lingüísticos e a natureza da linguagem humana, estágios da aquisição da linguagem oral visando instrumentalizar o educador acerca do conhecimento lingüístico necessário para o trabalho com crianças em fase de aquisição da linguagem.	III – Educar e cuidar como ecologia do desenvolvimento humano no cotidiano da creche. Teorias e Práticas Pedagógicas com crianças de 0 a 3 anos. A Creche e interações como contexto de desenvolvimento infantil e aprendizagem coletiva. Saúde e segurança da criança em ambiente institucional.	IV – Pressupostos teórico-metodológicos da educação Infantil para crianças de 4 a 6 anos de idade. Principais correntes pedagógicas e suas contribuições para a educação infantil. Organização da ação didático-pedagógica. Análise dos fundamentos políticos, econômicos e sociais da Educação Infantil. Concepções de Infância a partir do enfoque interdisciplinar, considerando as bases histórica, biológica, antropológica e sociológica. Importância, finalidades, objetivos e tendências da Educação pré-escolar na Europa, Estados Unidos, Brasil e América Latina. Vivenciar e discutir propostas pedagógicas para o desenvolvimento de múltiplas linguagens expressivas para crianças de 4 a 6 anos.
	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre
EMENTAS	V – O brincar, o movimento e a cultura lúdica infantil contemporânea. Teorias sobre o brincar. História cultural do brinquedo. O brincar no cotidiano da educação infantil. Corporeidade e identidade cultural. O movimento e o desenvolvimento infantil. Cultura lúdica infantil Contemporânea, corporeidade e os espaços e tempos do brincar nas infâncias.	VI – Arte-educação e linguagens expressivas na infância. Artes Visuais (História da arte, crítica da arte e fazer artístico na infância – Desenho, pintura, gravura, escultura, modelagem, colagem). Musicalização infantil. Dramatização e artes cênicas na infância. Linguagens expressivas como mediadoras da produção cultural da criança.	VII – Neste bloco os alunos desenvolverão o estágio de responsabilidade em Gestão em escolas da rede pública de ensino.	VIII – Este bloco visa instrumentalizar o licenciando para receber alunos com deficiência auditiva (Módulo de Libras)
	9º Semestre			
EMENTAS	IX – Neste bloco os alunos estarão desenvolvendo a prática pedagógica construída no semestre anterior na forma de estágio de responsabilidade em escolas da rede pública de ensino.			

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA / UFPEL

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	CÓDIGOS	SEM	CRED.	CH Teórica	CH Prática	CT da Disciplina	Pré-requisitos
Escola, Cultura e Sociedade I	0360141	1º	4	68	-	68	--
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização I	0360254	1º	4	68	-	68	--
Teoria e Prática Pedagógica I	0350281	1º	5	51	34	85	--
Práticas Educativas I	0360041	1º	5	51	34	85	--
Metodologia da Iniciação ao Estudo e à Pesquisa	0361502	1º	4	68	-	68	--
Escola, Cultura e Sociedade II	0350171	2º	4	68	-	68	--

Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização II	0360145	2º	4	68	-	68	--
Teoria e Prática Pedagógica II	0350282	2º	5	51	34	85	--
Práticas Educativas II	0350289	2º	5	51	34	85	--
Optativa (1)	Variável	2º	4	68	-	68	--
Escola, Cultura e Sociedade III	0360147	3º	4	68	-	68	0350171
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização III	0350174	3º	4	68	-	68	0360145
Teoria e Prática Pedagógica III	0350283	3º	5	51	34	85	--
Práticas Educativas III	0350031	3º	5	51	34	85	--
Língua Brasileira de Sinais I (Libras I)		3º	4	68	-	68	---
Escola, cultura e Sociedade IV	0350200	4º	4	68	-	68	--
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização IV	0360221	4º	4	68	-	68	---
Teoria e Prática Pedagógica IV	0350284	4º	5	51	34	85	0350174, 0350281
Práticas Educativas IV	0350295	4º	5	51	34	85	0350031
Optativa (2)	Variável	4º	4	68	-	68	Variável
Escola, Cultura e Sociedade V	0360235	5º	4	68	-	68	--
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização V	0360223	5º	4	68	-	68	---
Teoria e Prática Pedagógica V	0350290	5º	5	51	34	85	0350289, 0350174, 0350284
Práticas Educativas V	0350286	5º	5	51	34	85	---
Optativa (3)	Variável	5º	4	68	-	68	Variável
Escola, Cultura e Sociedade VI	0360253	6º	4	68	-	68	----
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização VI	0350279	6º	4	68	-	68	0350283, 0360223
Teoria e Prática Pedagógica VI	0350291	6º	5	51	34	85	0360221
Práticas Educativas VI	0350288	6º	5	51	34	85	--
Optativa (4)	Variável	6º	4	68	-	68	Variável
Escola, Cultura e Sociedade VII	0350209	7º	4	68	-	68	---
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização VII	0350294	7º	4	68	-	68	---
Teoria e Prática Pedagógica VII	0350292	7º	5	51	34	85	
Práticas Educativas VII - Estágio Curricular em Gestão Escolar	0350287	7º	10	85	85	170	0360253
Optativa (5)	Variável	7º	4	68	-	68	Variável
Escola, Cultura e Sociedade VIII	0350278	8º	4	68	-	68	---
Ensino Aprendizagem Conhecimento e Escolarização VIII	0350280	8º	4	68	-	68	---
Teoria e Prática Pedagógica	0350285	8º	5	51	34	85	CO-

AI ou EI ou EJA - VIII							REQUISITO DE PE VIII
Práticas Educativas VIII - Docência Compartilhada AI ou EI ou EJA	0361601	8º	5	-	85	85	CO-REQUISITO DE TPP VIII
Preparação para Trabalho Final de Curso	-----	8º	10	85	85	170	
Pré-requisito de PE IX – todas as disciplinas obrigatórias anteriores							
PE IX - Estágio Curricular Docência Anos Iniciais do E.F ou Educação Infantil ou EJA	0350293	9º	25	-	425	425	
TOTAL	----	----	212	2.448	1.156	3.604	----

9.9. QUADRO GERAL

COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA (h/a)
TRABALHO ACADÊMICO: ATIVIDADE CIENT-ACAD	2.448 h/a
PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	646 h/a
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	510 h/a
CARGA HORÁRIA DO CURSO (h/a)	3.604 h/a
TOTAL GERAL - CARGA HORÁRIA DO CURSO (h)	3.003h
ATIVIDADES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO (ACG)*	200h*
TOTAL GERAL - CARGA HORÁRIA DO CURSO (h)	3.203h

*A ACG é prevista na legislação por hora e não hora/aula.

2. INSTRUMENTO (QUESTIONÁRIO) APLICADO

LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO DA ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE PELOTAS/RS

Professor! Gostaríamos de agradecer, de antemão, sua participação, pois desejamos melhorar a qualidade de nosso ensino, construindo posteriormente possibilidades de formação, integrando universidade-escola. Obrigada!

Data:..... Escola..... Professor: (opcional)
 Série/Anos que leciona..... Carga horária.....
 Tempo de docência..... Formação/Área (s):.....

Que tipo de experiências com artes (Artes Visuais, Dança, Teatro ou Música) você teve em sua formação: a) De 3º grau b) De magistério

.....

Avalie a situação do ensino da arte em relação a:

a) **Materiais:** A escola fornece o que preciso:

Sempre Quase sempre Raramente Nunca

1. A carência de materiais prejudica o andamento das aulas? Justifique.

2. Como você soluciona as aulas quando não há material?

b) **Metodologias:** Que tipo de metodologia você aplica com seus alunos?

Livre-expressão Cópia Experiências diretas Arte como conhecimento

Metodologia triangular (leitura de Imagens) Relação com a comunidade

Outra. Qual?.....

c) Que tipo de **conteúdos** você trabalha com seus alunos?

Leitura de Imagens Técnicas plásticas Pintura Desenho livre

Dança Técnicas de desenho Montagens Modelagem

Histórias em quadrinhos Recorte e colagem Teatro Escultura

Comunicação Visual Vídeo Cinema Desenhos Mimeografados Obras da Internet Música História da Arte Outro.

Qual?.....

d) Como você avalia seus alunos:

Testes Prova escrita Prova com consulta Trabalhos práticos

Auto-avaliação Estabelecimento de critérios: quais?.....

Outro. Qual?.....

e) Como você vê a participação dos alunos nas aulas de arte?

.....

f) Que relevância social, na escola, na comunidade ou na vida você imagina que a arte possua?

.....

g) Você tem conhecimento dos parâmetros Curriculares nacionais/Arte? Se sim, eles de alguma forma o auxiliam em suas aulas?.....

h) Localize suas principais necessidades enquanto professor, seja de atualização, cursos, palestras etc.....

Que possibilidades de formação você indicaria para melhorar seu trabalho? Você possui disponibilidade para tal?

.....